

Comissão Central de Pós-
Graduação
CCPG



Ata
418^a Reunião
Ordinária

14/08/2024

Sala do CONSU

1 ATA DA QUADRIGENTÉSIMA DÉCIMA OITAVA (418ª) REUNIÃO DA COMISSÃO
2 CENTRAL DE PÓS-GRADUAÇÃO. Aos quatorze dias do mês de agosto de dois mil e
3 vinte e quatro, às nove horas, na Sala de Reuniões do Conselho Universitário (CONSU),
4 na Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, Distrito de Barão Geraldo, em Campinas, reuniu-
5 se a Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG), sob a Presidência da Professora
6 Doutora **RACHEL MENEGUELLO** e com o comparecimento dos seguintes Membros:
7 Ângelo José Fernandes (IA), Carlos Henrique Inacio Ramos (IQ), Claudio Chrysostomo
8 Werneck (IB), Cristiane Machado (FE), Elayne Rohem Peçanha (Representante
9 Discente IQ), José Guilherme Cecatti (FCM), Lígia de Moraes Antunes Correa (FEF), Luiz
10 Fernando Bittencourt (IC), Marcelo Felipes Silvia Estácio de Santana (Representante
11 Discente FEA), Marcelo Lancelotti (FCF), Márcia Azevedo de Abreu (IEL), Marko Synesio
12 Alves Monteiro (IG), Mauro Cardoso Simões (FCA), Melissa Gurgel Adeodato Vieira
13 (FEQ), Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH), Orlando Luis Goulart Peres (IFGW), Paulo
14 Sérgio Fracalanza (IE), Plamen Emilov Kochloukov (IMECC), , Tiago Zenker Gireli
15 (FECFAU), Valentim Adelino Ricardo Barão (FOP). Estiveram presentes a Profa. Cinthia
16 Baú Betim Cazarin substituindo a Profa. Liliana de Oliveira Rocha (Coordenadora
17 CPG/FEA), a Profa. Flávia de Oliveira Motta Maia substituindo a Profa. Renata Gasparino
18 (Coordenadora CPG/FENF), o Prof. Joao Batista Fogagnolo substituindo o Prof. Marco
19 Lúcio Bittencourt (Coordenador CPG/FEM). Justificaram a ausência o Prof. Enelton
20 Fagnani (Coordenador CPG/FT), o Prof. Daniel Albiero (Coordenador CPG/FEAGRI) e a
21 Sra. Maiane Junqueira Teixeira Neto (Representante Discente FEEC). Estiveram
22 presentes o Sr. Fernandy Ewerardy de Souza (Coordenador DAC), a Profa. Dra. Cláudia
23 Vianna Maurer Morelli (Assessora PRPG), o Sr. Elias Basile Tambourgi (Assessor PRPG),
24 a Sra. Cristina Ferreira de Souza (AT da PRPG), a Sra. Isabela Geanfrancesco Giroto
25 (Diretoria Acadêmica PRPG), a Sra. Marcela de Souza Pellegrin (CCPG) e o Prof. Ronaldo
26 de Almeida (IFCH) a convite da Profa. Nashieli. A **Sra. Presidente** cumprimentou os
27 presentes. Dando início à reunião informou as demais justificativas de ausência e colocou
28 em discussão a Ata da 416ª Reunião Ordinária da Comissão Central de Pós-Graduação
29 (CCPG) realizada em 12/06/2024. A Profa. Nashieli solicitou a substituição da palavra
30 departamento na página 27, linha 33, por Instituto. Não havendo mais nenhuma
31 manifestação, colocou para apreciação do plenário a Ata, que foi aprovada com três (3)
32 abstenções. Colocou em discussão à Ordem do Dia e informou que a mesa destacaria o
33 Item 1. Perguntou se havia mais algum destaque a ser feito. Não havendo, colocou em
34 votação os itens não destacados da pauta, que foram aprovados por unanimidade.
35 **ORDEM DO DIA: ITEM 2. CALENDÁRIO ESCOLAR DOS CURSOS DE PÓS-**
36 **GRADUAÇÃO (2025).** PROC. Nº 01-P-22851/2024. DAC. Fls. 133 a 147 **ITEM 3.**
37 **CALENDÁRIO DE REUNIÕES DA COMISSÃO CENTRAL DE PÓS-GRADUAÇÃO –**

1 **CCPG (2025)**. Fls. 148 e 149. **ITEM 4. PROGRAMA DAS ATIVIDADES E CATÁLOGO**
2 **DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.** a) PROC. Nº 21-P-22843/2024 (d). IEL –
3 Oferecimento da seguinte disciplina como “disciplina especial, de caráter eventual”, no
4 Catálogo de 2024: LL951 – “Tópicos Especiais em Linguística I”. Turma A. Carga Horária
5 Total: 15 horas (1 crédito). Período: 2º semestre de 2024. Oferecimento: Dr. Gabriel
6 Dvoskin (Universidad de Buenos Aires, Argentina) - Fls. 150 a 163. b) PROC. Nº 21-P-
7 22843/2024 (d). IEL - Oferecimento da seguinte disciplina como “disciplina especial, de
8 caráter eventual”, no Catálogo de 2024: LL952 – “Tópicos Especiais em Linguística II”.
9 Turma A. Carga Horária Total: 15 horas (1 crédito). Período: 2º semestre de 2024.
10 Oferecimento: Dr. María Julia Zullo (Universidad de Buenos Aires - Argentina) - Fls. 150 a
11 163. **ITEM 5. RELATÓRIO FINAL ACADÊMICO E FINANCEIRO DO CURSO DE**
12 **ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM FISIOTERAPIA EM UNIDADE DE TERAPIA**
13 **INTENSIVA (FCM).** PROC. Nº 02-P-25941/2021 (d). Parecer favorável exarado pelo Prof.
14 Dr. Elias Basile Tambourgi (Assessor da PRPG). Fls. 164 a 185. **ITEM 6. RELATÓRIO**
15 **FINAL ACADÊMICO E FINANCEIRO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU**
16 **EM FISIOTERAPIA APLICADA À SAÚDE DA MULHER (FCM).** PROC. Nº 02-P-
17 1449/2021 (d). Parecer favorável exarado pelo Prof. Dr. Elias Basile Tambourgi (Assessor
18 da PRPG). Fls. 186 a 226. **ITEM 7. ALTERAÇÃO DO REGULAMENTO DO PROGRAMA**
19 **DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO E DO ESPORTE E**
20 **METABOLISMO (FCA).** PROC. Nº 36-P-37967/2021. Parecer favorável exarado pela
21 Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 227 a 264. **ITEM 8.**
22 **ALTERAÇÃO DA INSTRUÇÃO NORMATIVA CNEM Nº 03/2023 QUE ESTABELECE**
23 **NORMAS PARA CREDENCIAMENTO, REcredENCIAMENTO, CADASTRAMENTO E**
24 **DESCREDENCIAMENTO DE DOCENTES NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**
25 **CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO E DO ESPORTE E METABOLISMO (FCA).** PROC. Nº 265 a
26 270. **ITEM 9. ENCERRAMENTO DE ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DO PROGRAMA**
27 **DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS - FACULDADE DE CIÊNCIAS**
28 **MÉDICAS (FCM).** PROC. Nº 02-P-22738/1998. Parecer favorável exarado pelo Prof. Dr.
29 Elias Basile Tambourgi (Assessor da PRPG). Fls. 271 a 278. **ITEM 10. ACORDOS.** a)
30 **ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO ENTRE A UNICAMP (FCA) E A HSE**
31 **UNIVERSITY (RÚSSIA) – SR. IVARS PATRIKS BITE.** PROC. Nº 39-P-18459/2024 (d).
32 FCA - Parecer favorável exarado pela Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli
33 (Assessora da PRPG). Fls. 279 a 320. b) **ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO**
34 **ENTRE A UNICAMP (FCA) E A HSE UNIVERSITY (RÚSSIA) – SR. SERGEEV ILIA**
35 **MIKHAILOVICH.** PROC. Nº 36-P-18489/2024 (d). FCA - Parecer favorável exarado pela
36 Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 321 a 362. c)
37 **ACORDO GERAL DE COTUTELA A SER FIRMADO ENTRE A UNICAMP (FCA) E A**

1 **UNIVERSITÀ DI MACERATA – UNIMC (ITÁLIA)**. PROC. Nº 36-P-20810/2024 (d). FCA -
2 Parecer favorável exarado pela Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da
3 PRPG). Fls. 363 a 392. d) **ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO ENTRE A**
4 **UNICAMP (IMECC) E A UNIVERSIDADE DE TARAPACÁ - UTA (CHILE) – SR. JOÃO**
5 **VICTOR UZITA**. PROC. Nº 10-P-19115/2024 (d). IMECC - Parecer favorável exarado pela
6 Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 393 a 413. e)
7 **ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO ENTRE A UNICAMP (FCA) E A NATIONAL**
8 **RESEARCH UNIVERSITY HIGHER SCHOOL OF ECONOMICS (HSE UNIVERSITY -**
9 **RUSSIA) – SR. BORIS SENIN CARHUALLANQUI PARIAN**. PROC. Nº 36-P-18495/2024
10 (d). FCA - Parecer favorável exarado pela Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli
11 (Assessora da PRPG). Fls. 414 a 455. f) **ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO**
12 **ENTRE A UNICAMP (FCA) E A UNIVERSIDADE DE AVEIRO (PORTUGAL) – SR.**
13 **RICARDO DE SOUZA**. PROC. Nº 36-P-10575/2024 (d). FCA - Parecer favorável exarado
14 pela Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 456 a 478. g)
15 **TERMO ADITIVO DO ACORDO DE COTUTELA A SER FIRMADO ENTRE A UNICAMP**
16 **(FEM) E A UNIVERSITÉ DE LORRAINE (FRANÇA) – SR. ARLINDO THEODORO DE**
17 **SOUZA NETTO**. FEM - Parecer favorável exarado pela Profa. Dra. Claudia Vianna Maurer
18 Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 479 a 492. **DESTAQUE DE MESA: ITEM 1.**
19 **PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU:**
20 **EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA NA AGRICULTURA FAMILIAR E**
21 **CAMPONESA (FEAGRI)**. PROC. Nº 28-P-23411/2024 (d). FEAGRI – Parecer favorável
22 exarado pela Profa. Dra. Cláudia Vianna Maurer Morelli (Assessora da PRPG). Fls. 8 a
23 132. A **Sra. Presidente** deu início ao item destacado da pauta e informou que toda
24 proposta de novo curso entraria como destaque da Mesa. Falou que a proposta era de um
25 curso de especialização lato sensu da FEAGRI chamado, “Educação do Campo e
26 Agroecologia na Agricultura Familiar e Camponesa”. Como o Prof. Daniel não estava
27 presente na reunião para comentar, pediu que a Profa. Cláudia falasse rapidamente sobre
28 o curso e do seu parecer favorável. A **Profa. Cláudia Vianna Maurer Morelli (Assessora**
29 **PRPG)** disse que se tratava de um curso novo e que a justificativa de sua proposta se
30 baseava na necessidade de fornecer uma formação especializada aos assentados em
31 áreas de reforma agrária e às comunidades quilombolas. Explicou que o objetivo do curso
32 seria fornecer ferramentas e conhecimento para melhorar a qualidade das tarefas
33 realizadas e promover o desenvolvimento de atividades com enfoque agroecológico.
34 Destacou que o seu oferecimento seria no âmbito do Programa Nacional de Educação na
35 Reforma Agrária, o Pronera. A **Sra. Presidente** comentou que era uma proposta
36 interessante, bastante aplicada e bem envolvida nas políticas agrárias. Perguntou se
37 alguém gostaria de fazer algum outro comentário ao parecer favorável da Profa. Cláudia.

1 A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** apontou que a proposta tinha
2 um vínculo com as discussões sobre o notório saber que vinha fazendo no GT, e que, ao
3 ler a proposta, achou superinteressante e que tinha a ver com os temas trabalhados por
4 ela na pesquisa. Finalizou dizendo que era um esforço muito salutar da FEAGRI e da
5 Unicamp. A **Sra. Presidente** perguntou se havia mais algum comentário e, não havendo,
6 colocou o item 1 em votação, que foi aprovado por unanimidade. Encerrada a pauta,
7 passou para o expediente, que seria na verdade alguns informes. Destacou que, na
8 segunda-feira daquela semana, ocorreu a cerimônia de premiação do “Prêmio Tese
9 Destaque Unicamp” com a presença do Reitor. Relatou que foi uma cerimônia simples,
10 mas muito boa, com alunos, atualmente doutores, felizes junto aos seus orientadores.
11 Portanto, havia sido consolidada a premiação e a iniciativa de premiar a excelência da
12 pós-graduação, e a Unicamp permanecia no Sistema Nacional de Pós-Graduação como
13 a Universidade de maior excelência em termos comparados e proporcionais. Achava que
14 a pós-graduação vinha mantendo uma qualidade e uma tradição de destaque, e
15 precisavam, sim, da iniciativa de premiar dentro da instituição os bons resultados dos
16 alunos, alunas, orientadores, professores e coorientadores. Antes de passar para o
17 próximo informe, deu a palavra ao Prof. Orlando. O conselheiro **Prof. Orlando Luis**
18 **Goulart Peres (IFGW)** contou que estava ouvindo muita discussão sobre qual seria o
19 papel do ChatGPT na pós-graduação, como por exemplo, na elaboração de textos
20 científicos e teses. Comentou que algumas pessoas o procuraram, pois não estavam
21 sabendo como discutir aquele assunto. Contou que teria uma conversa com todos sobre
22 qual o possível impacto que aquela ferramenta teria, onde os alunos poderiam usá-la, se
23 seria para escrever o texto ou não. Relatou que tinham pessoas totalmente contra e
24 pessoas a favor justificando que o aluno estaria usando um instrumento para mostrar o
25 seu trabalho, e que talvez ele não tivesse tempo, porque parte da avaliação feita seria em
26 relação ao texto. As pessoas com quem conversou fizeram a analogia a outras
27 ferramentas, como por exemplo o corretor de texto, um auxílio externo usado para
28 escrever a tese, e que o ChatGPT seria somente uma potência maior. Eles comentaram
29 que tinham uma avaliação interna para verificar se a resposta do ChatGPT realmente
30 estaria correta ou não. Perguntou se iriam discutir aquela questão e se aquilo não poderia
31 influenciar. A **Sra. Presidente** respondeu que aquela era uma iniciativa muito importante
32 e que já vinham pensando a respeito. Disse que a PRPG ainda não havia conseguido
33 organizar um seminário sobre o tema, mas que alguma reflexão deveria acontecer, como
34 a elaboração de um manual de boas práticas sobre o uso da inteligência artificial. Falou
35 que não sabia se pronunciar com detalhes e qualidade, pois desconhecia o assunto, mas
36 sabia que estava sendo utilizado. Falou que precisariam saber quais seriam os limites do
37 uso, e que tinha as suas reticências enormes sobre tudo o que seria a inteligência artificial.

1 Falou que passou a ser um recurso de pesquisa, de redação e até de melhorar a reflexão,
2 o qual cujo limite seria o ponto principal a saberem. Afirmou que, ainda naquele semestre,
3 fariam uma discussão sobre algo que fosse na direção do Manual de Boas Práticas sobre
4 inteligência artificial. Contou que conversou recentemente com o Prof. Ivan sobre o
5 assunto, pois a graduação apresentava uma preocupação a respeito. Disse que estavam
6 promovendo uma discussão interna para verificar qual caminho poderiam tomar. Disse
7 que, talvez, poderia conversar com os outros colegas pró-reitores para verificar como
8 outras universidades estariam se movendo naquela direção. Comentou que, ao mesmo
9 tempo que era um super recurso de aperfeiçoamento e aprofundamento de descobertas
10 e pesquisas, era também um condicionante, pois estaria substituindo a reflexão. O
11 problema continuava sendo o que ela sempre havia falado desde que aquela questão se
12 tornou um ponto, da tentativa de substituir um pensamento original. Questionou o que
13 seria um pensamento original e se estariam renunciando a ele em função da inteligência
14 artificial. Finalizou dizendo que o prof. Orlando tinha toda razão em cobrar um debate
15 sobre o assunto, ou que pelo menos eles conseguissem se posicionar sobre aquele tema
16 na universidade. Falou que, se alguém tivesse ideias, seriam bem-vindas. O conselheiro
17 **Prof. Valentim Adelino Ricardo Barão (FOP)** cumprimentou a todos e disse que tinha
18 muita preocupação sobre o tema. Achava que não teria como não utilizarem a ferramenta,
19 uma vez que estivesse disponível. Imaginava que ela poderia sim ser usada para melhorar
20 algumas questões de escrita, assim como já existiam outras ferramentas que
21 inadvertidamente utilizavam a inteligência artificial, como por exemplo o Grammarly, que
22 ajudava a melhorar o *flow* ou alguma palavra do texto. Mas que o ChatGPT e outros vieram
23 para criar textos e aquela era a questão, pois o ponto negativo, era a falta de ferramentas
24 para detectar os textos criados naqueles programas. Contou que fez vários testes. Criou
25 um texto no ChatGPT e um texto original. Passou algumas ferramentas e concluiu que
26 não dava uma similaridade. A cópia que ele fez, não foi detectada, outros textos originais
27 foram detectados como possível criação via inteligência artificial. Portanto, seria
28 importante ter um Manual de Boas Práticas para realmente instruir os alunos sobre o que
29 seria permitido ou não. Falou que, no futuro, assim como tinham o Turnitin, que atualmente
30 detectava similaridades e que foi imposto que as teses passassem por ele, teriam
31 ferramentas muito mais efetivas para tentar detectar se o texto foi criado ou não por IA.
32 Disse que existiam algumas palavras específicas em inglês de uso recorrente do
33 ChatGPT, portanto, uma pessoa que utiliza a ferramenta, poderia conseguir identificar em
34 um texto com muitas palavras iguais, feito por um aluno, a utilização de algum programa,
35 acendendo assim, um alerta. Mas ele não tinha o conhecimento de uma ferramenta
36 confiável para aquilo. A **Sra. Presidente** comentou que, no início do ano, esteve em uma
37 reunião na FAPESP em que houve uma discussão sobre ciência e tecnologia, e que uma

1 das conversas com colegas da diretoria foi precisamente a questão da inteligência
2 artificial. Disse que ouviu um comentário, que ela achava que havia sido feito pelo prof.
3 Rodolfo, da graduação, sobre a existência de uma ferramenta na FAPESP que detectava
4 a utilização do ChatGPT pelos pareceristas, e que os pareceres passavam por aquele
5 filtro. Falou que, segundo os comentários, seria possível perceber a diferença entre um
6 texto redigido pelo colega em um parecer natural e um texto construído com inteligência
7 artificial. Disse que não sabia como aquilo acontecia e que não conversaram mais sobre
8 o assunto. Comentou que ela deveria procurar o prof. Rodolfo e verificar o que seria aquele
9 programa e em que medida, a própria FAPESP talvez em algum momento fizesse um
10 Manual de Boas Práticas do ChatGPT, uma vez que os projetos estavam sendo
11 encaminhados para o financiamento com aquele condicionante de risco. Finalizou dizendo
12 que estava chamando de risco, e não sabia até quando chamaria aquilo de algo positivo,
13 mas que a preocupação era válida. O conselheiro **Prof. Orlando Luis Goulart Peres**
14 **(IFGW)** falou que na reunião foi perguntado o que fariam e como avaliariam um texto em
15 que tivesse sido usado o ChatGPT. Porque os textos recebidos pela Comissão seriam
16 bem diferentes no estilo. E o uso da inteligência artificial pesava muito para alguns
17 colegas. A **Sra. Presidente** disse que entendeu a preocupação e que a conversa sobre o
18 assunto era corretíssima e muito legítima para melhorar tudo o que estavam fazendo.
19 Perguntou ao prof. Luiz Fernando do Instituto de Computação se ele teria alguma ideia
20 sobre aquela discussão. O conselheiro **Prof. Luiz Fernando Bittencourt (IC)**
21 cumprimentou a todos e disse que sugeriu na CPG de sua unidade colocar como parte do
22 processo de marcação de defesa um *checkbox* para o aluno declarar se fez o uso ou não
23 da inteligência artificial, e no caso afirmativo, teria que explicar para o que foi utilizada. Em
24 sua opinião, aquele seria o primeiro passo para conscientizar os alunos, pois a
25 preocupação seria com a generativa, que poderia gerar textos sem o raciocínio da pessoa,
26 com um o aluno que gerasse um texto baseado em informações que existissem
27 publicamente. Falou que a criação daquele *checkbox* no formulário da defesa entraria para
28 a discussão da próxima reunião da CPG do IC. Finalizou dizendo que usar ferramentas
29 em auxílio de texto era muito comum, mas que corrigir o texto seria uma coisa e alterar o
30 texto de forma que a semântica ficasse diferente seria outra. A **Sra. Presidente** falou que
31 era uma excelente iniciativa e que poderiam pensar na adoção do *checkbox* no formulário,
32 no âmbito das coordenações de pós-graduação, coordenações de unidade. Disse que o
33 controle talvez demorasse a ser feito como gostariam, mas a ideia da conscientização
34 seria excelente. Agradeceu e passou a palavra ao prof. Elias para falar sobre o próximo
35 assunto. O **Prof. Elias Basile Tambourgi (Assessor PRPG)** deu bom dia e disse que iria
36 passar alguns informes do Programa de Estágio Docente. O primeiro era que, em 2023,
37 2484 alunos participaram do PED recebendo o auxílio financeiro e, até o presente

1 momento, 2693. Um aumento de mais ou menos 10% de um ano para o outro. Explicou
2 que o aumento foi fruto da possibilidade de o aluno poder participar do PED mais vezes e
3 da inscrição fora de prazo para aqueles que por algum motivo não conseguiram se
4 inscrever. O segundo assunto era que no dia 7 do mês de outubro às 10 horas no Centro
5 de Convenções da Unicamp aconteceria o “19º Encontro PAD/PED”. Contou que ele havia
6 sugerido como palestrante do evento o Marcelo Tas. Disse que foi difícil e quis deixar
7 registrado o esforço que a sra. Marcela da PRPG fez com toda a negociação de datas, de
8 transporte, de alimentação etc. Falou que ele e a Profa. Rachel tiveram que assinar um
9 contrato, pois o convidado necessitava de um trâmite mais complexo, por ser uma figura
10 pública. Sugeriu que os coordenadores presentes fizessem a divulgação em suas
11 unidades e que em breve receberiam banners. Falou que o evento seria transmitido ao
12 vivo para os alunos de Limeira e Piracicaba, mas que não ficaria gravado por exigência
13 do próprio Marcelo Tas, pela lei LGPD. Finalizou dizendo que a expectativa era fazer um
14 grande evento. A **Sra. Presidente** disse que seria mesmo um evento, porque em geral
15 convidavam professores, colegas para falar sobre várias áreas, e veio a ideia da Comissão
16 de trazer o Marcelo Tas, que foi difícil, mas aceitou gentilmente dar a palestra. O
17 conselheiro **Sr. Marcelo Felipe Silvia Estácio de Santana (FEA)** cumprimentou a todos
18 e disse que não conseguiu mais acompanhar depois da última discussão que tiveram a
19 respeito do aumento das bolsas PED para 2025. Quis saber a respeito sobre o novo
20 aumento das bolsas FAPESP, pois, como todos sabiam, a bolsa PED era calculada com
21 base nelas. Perguntou se haveria um aumento conforme, ou se ainda tinham a proposta
22 de aumentar para 1000 reais, com base no valor da bolsa antiga. A **Sra. Presidente**
23 respondeu que ocorreria o aumento equiparado ao da FAPESP, mas que seria somente
24 para 2025, conforme a Resolução PED, porque precisaria entrar na peça do orçamento
25 de novembro. Disse que tinham a ideia de fazer aquele aumento seco, simples, dos 1000
26 reais, mas barraram, porque oneraria muito a peça do orçamento. Portanto sabiam que
27 no próximo ano a bolsa PED iria se equiparar à porcentagem do novo valor da bolsa da
28 FAPESP. O **Prof. Elias Basile Tambourgi (Assessor PRPG)** comentou que o PED B iria
29 para mais ou menos 1500 reais e o PED C em torno de 1000 reais, chegava mais ou
30 menos no valor que o sr. Marcelo havia imaginado. Finalizado o assunto, disse que o
31 Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras, do qual a Unicamp
32 participava e que o Reitor era o vice-presidente, havia lançado um edital mundial para
33 pessoas interessadas em fazer mestrado e doutorado no Brasil. Falou que tiveram 17542
34 inscrições de estudantes estrangeiros, sendo que 1873 alunos optaram pela Unicamp,
35 10% do total. Falou que em outubro teria uma reunião em Brasília para fazer a seleção
36 final e pediu que aguardassem. Lembrou a todos do edital CAPES do Grupo Montevideo,
37 que a Unicamp, junto de mais 13 universidades brasileiras, fazia parte. Falou que tinham

1 argentinos, chilenos, uruguaios, paraguaios e bolivianos. Ressaltou que a sra. Cristina
2 havia colocado uma data limite para encaminharem as propostas à Pró-Reitoria de Pós-
3 Graduação, pois a profa. Rachel teria que dar a carta de anuência. Informou que o edital
4 fechava no dia 30 de agosto e pediu que se atentassem com a data limite para o
5 encaminhamento. Finalizou dizendo que seriam 4 projetos do Brasil e se ele não estivesse
6 enganado, cada um iria receber 1 milhão e meio de reais por quatro anos. A **Sra.**
7 **Presidente** deu continuidade a lista dos informes e passou a palavra para a profa. Cláudia
8 falar sobre o Planes. A **Profa. Cláudia Vianna Maurer Morelli (Assessora PRPG)** disse
9 que a PRPG, como parte do pedido da maioria das pessoas presentes na reunião, estava
10 apoiando, junto com a CGU, o andamento do Planes dos programas. Mencionou que
11 tiveram uma reunião no dia 01 de agosto com todos os programas interessados para fazer
12 um alinhamento e explicar como seria o processo. No dia 07 de agosto fizeram o
13 alinhamento com os coordenadores de CPGs, que foi muito importante, pois era uma das
14 pontas, com o que a instituição e a unidade teriam em seus planejamentos até chegar no
15 programa. Falou que sabia que era desejável que fizessem, mas que a CAPES estava
16 cobrando. Portanto, a ideia era que, ao final daquele semestre os programas que ainda
17 não fizeram, fizessem e que a PRPG junto com a CGU, estavam dando o apoio. Pediu
18 que o PLANES fosse para o relatório do quadriênio e que a sugestão da PRPG era para
19 que o planejamento ficasse na página da CPG com fácil acesso. Comentou que algumas
20 unidades que já o fizeram, tinham em suas páginas um link. Explicou que tudo teria que
21 ser feito com certa responsabilidade, pois ao fazer o planejamento e colocar no relatório,
22 a CAPES passaria a acompanhar, portanto deveriam evoluir anteriormente. Depois, ao
23 longo do quadriênio seguinte, fariam uma avaliação e teriam que seguir o que tivesse
24 colocado naquele planejamento. Finalizou dizendo que, se algum programa quisesse
25 fazer, ainda dava tempo para, talvez, dois programas entrarem. No entanto, a resposta
26 deveria ser feita no máximo até o dia 29 de agosto, pois no dia 30 seria a última turma.
27 Solicitou que mandassem um e-mail caso quisessem ser incluídos. A **Sra. Presidente**
28 perguntou quantos programas estariam envolvidos. A **Profa. Cláudia Vianna Maurer**
29 **Morelli (Assessora PRPG)** respondeu que havia 36 PPGs atualmente, e que vários deles
30 tinham os seus planejamentos. Quis deixar registrado o seu agradecimento à participação
31 e ao apoio do sr. Emerson, da CGU, da sra. Andrea, e da sra. Cristina. Comentou que
32 participava das reuniões quando podia, mas que era um esforço conjunto e que eles
33 estavam dando ferramentas para que os programas pudessem participar. Finalizou o
34 assunto pedindo aos coordenadores das CPGs que apoiassem aquela iniciativa. Contou
35 que a CAPES havia lançado um edital de bolsa de pós-doutorado e de iniciação científica
36 para a extensão na pós-graduação. Comentou que, em 2023, tinham sido contemplados
37 com um projeto de extensão no qual apenas 14 programas haviam feito a inscrição.

1 Concordou que estavam em uma fase com vários editais abertos, portanto poderia ter
2 passado para um ou outro programa, mas que todos os inscritos estariam envolvidos
3 naquele edital. A bolsa teria que ser contemplada dentro daquele projeto institucional,
4 então não seria uma proposta feita por Coordenadores, mas pelo Coordenador da
5 Instituição. Mencionou que no edital constava que seriam 300 bolsas, 191 de iniciação
6 científica, sendo uma por programa, por proposta aceita. Comentou que a Unicamp iria
7 receber apenas uma bolsa e que seriam 120 bolsas de pós-doutorado para todo o Brasil.
8 Perguntou o que fariam com aquilo, pois tinham 14 propostas que, teoricamente, não se
9 conversavam muito. Respondeu que a ideia era que o aluno de pós-doutorado fizesse um
10 mapeamento das atividades feitas dentro de todos os programas no primeiro ano, e no
11 segundo ano, colocasse em ação a proposta de alinhamento, para que fortalecesse de
12 fato, de uma maneira institucional, a extensão dentro da pós-graduação. Falou que aquela
13 seria uma maneira de aproveitar a bolsa. Comentou que estava recebendo
14 questionamentos de como seria e como poderiam mandar a proposta, mas, na realidade,
15 a proposta seria institucional, e depois abririam um edital para selecionar o aluno de pós-
16 doutorado para a iniciação científica. A **Sra. Presidente** agradeceu e acrescentou que a
17 profa. Cláudia seria a responsável por coordenar, perante a CAPES, todo o projeto de
18 extensão da pós-graduação. Falou que eram grandes responsabilidade e trabalho, de 3
19 anos de projeto. Comentou que tinha muita coisa sendo feita em diferentes áreas e que
20 sairia algo bem interessante. Disse que os recursos vieram no valor de 762 mil reais para
21 todos os 14 projetos envolvidos. Portanto, teriam que criar e ser criativos com as
22 atividades, mas que a profa. Cláudia junto com os colegas estavam fazendo um bom
23 trabalho. Finalizou dizendo que tinha terminado com a lista de informes e perguntou se
24 alguém teria alguma outra questão ou informação. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia**
25 **Rangel Loera (IFCH)** disse que gostaria de saber o que estariam pensando a respeito do
26 PRINT, que estava para terminar em outubro. Comentou que o relatório parcial foi caótico
27 porque todos tiveram que entrar no sistema com a senha da profa. Rachel e preencher os
28 dados, e que havia uma dificuldade em colocar uma produção. Perguntou se o relatório
29 final seria daquele jeito, pois precisariam reservar um tempo para aquela demanda. A **Sra.**
30 **Presidente** respondeu que suspeitava que a situação caótica iria se manter e o que sabia
31 até o momento era que o PRINT terminaria em novembro e que a diretoria de RI da
32 CAPES ainda não havia dado qualquer definição sobre o relatório final. Acreditava que
33 seria nos mesmos moldes daquela urgência, emergência e atrapalhão que tiveram no
34 parcial. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** explicou que não
35 seria somente o relatório qualitativo, mas a prestação de contas. Comentou que estava
36 colocando as despesas e os comprovantes, mas no sistema aparecia que a prestação de
37 contas seria encerrada no dia 31 de outubro. Portanto, se tivesse alguma indicação para

1 que ela pudesse finalizar, pois faria a última missão de organização para terminar com o
2 dinheiro da CAPES, do PRINT e não queria mais ter aquela pendência. A **Sra. Presidente**
3 informou que pediria à sra. Rita da PRPG para entrar em contato com a CAPES e verificar
4 se teriam orientações sobre a prestação de contas e o relatório, e que passasse a
5 informação a todos. Em relação ao PDSE, comentou que não teria naquele semestre, ou
6 naquele ano, tal como havia uma alusão de que houvesse. Falou que achava que seria
7 em função dos outros orçamentos da CAPES e do que ela vinha propondo. A conselheira
8 **Profa. Cinthia Baú Betim Cazarin (FEA)** perguntou se havia alguma atualização sobre
9 as bolsas do CNPq. A **Sra. Presidente** respondeu que não. A conselheira **Profa. Cinthia**
10 **Baú Betim Cazarin (FEA)** disse que estavam trabalhando com um número reduzido de
11 bolsas CAPES e fazendo o possível para manter os alunos. A **Sra. Presidente** respondeu
12 que não tinha nenhuma notícia e passou a palavra. A conselheira **Profa. Melissa Gurgel**
13 **Adeodato Vieira (FEQ)** relatou que em junho havia inicialmente ligado para o CNPq, no
14 que a informaram que seria respondido por e-mail. Enviou dois e-mails e não obteve
15 resposta. Ligou novamente, remetendo aos e-mails, e a informaram que pretendiam abrir
16 um novo edital de bolsas naquele semestre. Ela pediu por gentileza que encaminhassem
17 aquela informação por e-mail e eles disseram que não poderiam responder por escrito.
18 Falou que aquela foi a resposta que teve e que provavelmente naquele semestre abriria.
19 A **Sra. Presidente** respondeu que achava que viria o novo edital, mas o problema seria
20 vir com quinze dias de espaço e no final do ano, quando a agenda estivesse cheia.
21 Portanto teriam que ficar sempre preparados para aquela “maratona”, como foi em 2023
22 e no final do primeiro semestre de 2024, em que o CNPq e a CAPES “combinaram” de
23 abrir tudo no mesmo período e com um pequeno prazo. Dando sequência à reunião,
24 mencionou que, duas ou três semanas atrás, havia feito uma reunião com os programas
25 PROEX. Mas queria preceder a discussão e aquele relato com a própria discussão da
26 pós-graduação. Comentou que ficaram de falar um pouco, mais genericamente sobre o
27 Relatório de Avaliação e Desempenho da Unicamp que foi enviado a todos. Informou que
28 o levantamento dos dados foi feito pela profa. Rosângela Ballini, coordenadora da
29 Economia, que na época da coleta era a vice-presidente da CCPG, junto com um grupo
30 de coordenadores das áreas de conhecimento. As análises presentes no relatório seriam
31 baseadas no banco de dados que eles haviam montado. Falou que claramente poderia
32 ser aprofundado, mas nele existiam questões muito importantes. Explicou que, quando
33 fizeram a análise dos dados da pós-graduação, havia a publicação da primeira versão do
34 Plano Nacional de Pós-Graduação, publicada pela própria CAPES em sua página,
35 portanto alguns dados deram uma orientação de como entender os dados da Unicamp. O
36 início do relatório da pós-graduação da Unicamp estava falando dos títulos concedidos,
37 dos concluintes, da relação entre homens e mulheres, alunas e alunos, doutores e

1 mestres, matriculados, inscritos e evadidos. Falou que algumas questões se sobressaíram
2 e que a principal delas que chamou a atenção foi o fato de as faixas de idade de
3 ingressantes e de concluintes serem muito altas comparadas àquilo que eventualmente
4 colocariam no mercado, que prestariam concurso, os futuros professores, o funcionário
5 de uma empresa ou o que vai para o mercado de trabalho direto. Explicou que alguns
6 dados foram feitos por áreas de conhecimento da CAPES. Disse que não fizeram os 83
7 programas com aquelas tabelas, porque os coordenadores poderiam ter acesso nos
8 próprios arquivos, mas fizeram uma análise de 10 anos levando em conta as áreas de
9 conhecimento internas e algumas questões que destacavam. A própria CAPES informou
10 que algumas áreas de conhecimento tiveram um decréscimo de interesse ao longo do
11 tempo, enquanto outras tiveram um aumento. Falou que a pandemia teria atrapalhado
12 toda a análise no meio daqueles 10 anos, mas que, se retirassem um pouco daquele
13 pedaço da história, poderiam verificar que a tendência predominava. Pediu que
14 verificassem a página 23 ou 24 do relatório, em que a média de idade dos ingressantes
15 do mestrado geral da universidade, em 2022, era de 29, quase 30 anos. Portanto, de
16 conclusão de curso, seria de 30, praticamente 31 anos, de mestres sendo colocados no
17 mercado, na sociedade. No doutorado, a média de idade dos ingressantes era de 33 anos
18 e a saída dos doutores concluintes era de 37 anos. Falou que aquela informação variava,
19 pois havia áreas em que a média de idade chegava a mais de 40 anos, assim como
20 algumas áreas tinham a média menor que 30 anos, e que os dados claramente variavam
21 por área de conhecimento e por organização dos cursos. Falou que, evidentemente, eram
22 questões que não poderiam ser vistas como simplesmente numéricas, mas que havia uma
23 preocupação. Questionou se o peso imenso de disciplinas de alguns cursos seria a razão
24 das pessoas ficarem mais tempo do que deveriam na pós-graduação, se estariam
25 exigindo algo que não tivesse tanta relação com o próprio mercado, e se seria aquela a
26 razão das pessoas irem direto para o mercado de trabalho e mais tarde retornarem para
27 se aperfeiçoar, fazer o mestrado ou o doutorado. Comentou que, em sua área, nas
28 Humanas, a média de idade de saída dos doutores era de 40 anos, o que era bem alto.
29 Comentou que, claramente, aquilo era apenas uma média, e que poderia ter pessoas de
30 30, bem como de 42 anos. E não variava tanto para as outras áreas, que estavam sempre
31 na faixa dos 30, 35 anos e para cima. Disse que eram questões importantes, e que talvez
32 a ideia seria motivar, olhar para o programa e sua organização, com os olhos da própria
33 organização do curso e de suas disciplinas. E que claramente, os cursos, programas
34 poderiam achar que não teriam que mudar em nada. Concluir que as pessoas precisariam
35 sair como doutores das ciências humanas, com 38, 40 anos, para que pudessem fazer
36 uma reflexão de outra natureza, mais aprofundada. Mas, de toda forma, precisaria
37 requerer uma análise, mesmo que fosse aquela a resposta. Contou que enquanto faziam

1 e distribuíam o relatório, foram surpreendidos pelo parecer, pela Resolução do Conselho
2 Nacional de Educação (CNE), portanto estavam juntando as duas questões. Falou que o
3 parecer foi encaminhado a todos e estava disponível na página do Conselho. Comentou
4 que na Resolução estabelecia que o CNE se colocava como um certo regulador do
5 Sistema Nacional de Pós-Graduação. E que há dois anos o Conselho chamou uma
6 reunião com os pró-reitores das universidades e a CAPES para mencionar a autonomia
7 de organização do sistema que foi dada à CAPES em 2010, onde todos os problemas
8 seriam de responsabilidade dela. Mas agora, com a nova Resolução, o Conselho estaria
9 recuperando o papel que tinha antes de 2010. Explicaram na reunião que não se tratava
10 exatamente de uma ingerência, mas de uma intervenção em princípios de organização do
11 próprio sistema de pós-graduação sobre o que seria um programa stricto sensu e uma
12 universidade consolidada com aqueles termos. Disse que a Resolução estava disponível
13 na reunião caso alguém quisesse dar uma olhada, sobre o que significava entrar no
14 Sistema Nacional de Pós-Graduação, que teria a ver com a avaliação da CAPES, a
15 deliberação do Conselho Nacional de Educação, de criar programas que tenham sido
16 certificados como consolidados. E por consolidados poderiam entender como aqueles,
17 que além de comprovar a contribuição científica, possuísem no mínimo 10 programas de
18 pós-graduação com conceitos 6 ou 7. Portanto, quando enviaram o documento a todos,
19 enviaram juntamente um gráfico que mostrava que somente 17 Instituições no país eram
20 consideradas como consolidadas, em um sistema com mais de 500 Universidades. Aquilo
21 criou uma distância complicada, pois 14 das consolidadas estavam na Região Sudeste,
22 as paulistas estaduais e federais, e as outras em Pernambuco, Ceará e a outra que não
23 se recordava no momento. Falou que era uma porcentagem minúscula frente ao Sistema
24 Nacional de Pós-Graduação. Em paralelo, a Resolução significava, em partes, que todas
25 as instituições mais antigas e mais consolidadas que sempre pediram para a CAPES, mas
26 nunca conseguiram ter uma certa autonomia de gestão, tivessem. Um exemplo de
27 autonomia seria fundir um programa, o que muitas vezes demorava anos. Exemplificou
28 com o caso da Biologia, que levou mais de dois anos para que a CAPES avaliasse a
29 proposta de fusão, embora a unidade evidenciasse que tinha um movimento de docentes,
30 trabalhos, e alunos e que aquela fusão era evidentemente necessária. Portanto, a
31 Resolução estaria concedendo autonomia para aquelas universidades, por exemplo, o
32 que seria um aspecto bastante positivo. Explicou que as instituições consolidadas
33 deveriam informar à CAPES sobre a área de avaliação e os dados do programa criado,
34 pois poderiam criá-los. Mas o que não estava dito no documento e que ela sabia que iria
35 acontecer era que, para criar programas, a própria instituição teria de financiá-los até a
36 avaliação da CAPES, e aquilo tinha a ver com as bolsas, pois o programa só poderia ser
37 incorporado ao Sistema Nacional das Bolsas da CAPES após a avaliação quadrienal.

1 Falou que a autonomia viria dos dois lados e que teria um preço, seria uma autonomia de
2 gestão e financeira para fazer as bolsas da pós-graduação. Disse que havia muita
3 controvérsia no âmbito nacional, uma vez que aquilo havia sido feito antes de a gestão
4 anterior do CNE sair, e teria uma pressão enorme da nova gestão, já que as federais
5 claramente ficaram irritadas, já que o sistema seria imenso. Portanto, precisariam
6 entender qual seria o papel da Unicamp no Sistema Nacional. Relembrou que a Unicamp
7 estava claramente dentro do conjunto das consolidadas, e talvez as paulistas ficassem
8 felizes com a mudança, mas se analisassem o que aquilo significava para o sistema, seria
9 muito complicado. Relatou que, no meio de toda aquela controvérsia, a Universidade de
10 São Paulo veio com um plano piloto, já implantado na USP de Ribeirão, na área de
11 Medicina, a respeito da forma de ingresso de alunos de mestrado, chamada de Universal.
12 Apresentaram para a CAPES uma proposta, chamada de Programa de Aperfeiçoamento
13 da Pós-Graduação, que inicialmente seria somente das consolidadas USP, UNESP e
14 Unicamp. Explicou que o objetivo não seria criar cursos, mas de fazer mudanças internas
15 ao programa existente, mudar o mestrado. O argumento apresentado para a criação
16 daquela proposta era relativo à idade de formação e ao mercado de trabalho, e que não
17 estavam cumprindo o papel de formação de recursos humanos para colocar doutores no
18 mercado. Com base em tais argumentos, foi proposta uma mudança nos programas
19 PROEX, que seria opcional, feita toda por adesão, nenhuma universidade seria obrigada
20 a fazer. O plano era alterar os mestrados. Explicou que cada programa poderia fazer o
21 ingresso como quisesse, como por exemplo, por área ou talvez em conjunto, como poderia
22 ser o caso de as Engenharias fazerem um único ingresso, optar por fazer sozinho etc.
23 Falou que, independentemente daquilo, haveria uma mudança na grade disciplinar de
24 todos os programas que daria ênfase ao mestrado profissional e à profissionalização dos
25 ingressantes em suas áreas no período de um ano. Com a mudança, a área enfatizaria
26 também a relação com a sociedade. Para algumas áreas, teria a ver com o
27 empreendedorismo, para outras, com inovação ou aplicação. Além da duração de um ano,
28 os alunos entrariam sem a necessidade de um orientador e de um projeto, e fariam a
29 qualificação ao final do ano. Explicou que, naquele processo, o discente poderia ter
30 tamanho destaque para levá-lo a um doutorado direto, ou, se não fosse o caso, o discente
31 seguiria para o segundo ano no mestrado acadêmico ou profissional, considerando que
32 existisse no programa e fosse de desejo do aluno. Disse que a ideia era aperfeiçoar a
33 formação de doutores e o doutorado, que poderia ser o simples, e seria uma opção da
34 banca de qualificação. Poderiam considerar o aluno ir para o doutorado acadêmico e
35 demorar o seu tempo ou seguir para o doutorado direto. Explicou que, caso o aluno fosse
36 bolsista CAPES, ele teria uma bolsa de mestrado transformada para o doutorado, e seria
37 a própria CAPES a fazer aquilo. Explicou que surgiram várias dúvidas vindas da própria

1 reunião, sobre o que fariam com o aluno com bolsa CNPq ou que não tivesse bolsa. Disse
2 que as perguntas seriam respondidas em uma nova reunião e que estava falando em cima
3 de algo que não sabia totalmente. Mencionou que somente 30% dos alunos que
4 ingressarem no mestrado e fizerem a qualificação poderiam passar para o doutorado
5 direto, pois não poderiam onerar a CAPES. Comentou que a FAPESP entraria junto
6 naquele programa e 20% daqueles discentes teriam potencialmente uma
7 complementação no valor da bolsa da FAPESP, mas ela teria o seu próprio modo de
8 avaliação. Falou que ainda não estava claro como funcionaria, mas que na reunião teriam
9 respostas, e o que estava claro era que, quando saiu a Resolução que permitia às
10 consolidadas criarem cursos, aumentaram as reclamações e a antipatia para com as
11 paulistas nos grupos nacionais e de universidades. E a frase que ouviram foi “aquelas três
12 vão criar curso e a gente é que vai pagar”. E obviamente que as três citadas seriam as
13 paulistas estaduais, que estavam no topo dos gráficos e tabelas. Disse que foi muito
14 constrangedor e controverso, e que não seria nada daquilo, pois ninguém estava
15 querendo criar curso novo. A única parte boa de fato da Resolução era a parte da gestão,
16 ainda assim com reticências, porque envolveria a questão financeira, e seria a partir
17 daquilo que a instituição começaria a ponderar o que fariam por si. Contou que a Unifesp,
18 a Federal do ABC e a Federal de São Carlos quiseram entrar, mas a única consolidada
19 que possuía os 10 programas PROEX era a Unifesp. Portanto, todas as paulistas públicas
20 participariam do acordo, que já havia mudado. Disse que primeiro teriam um acordo
21 assinado pelos cinco Reitores das públicas paulistas, pela CAPES e pela FAPESP, para
22 que a articulação entre instituições para a pós-graduação acontecesse, e no acordo teria
23 o anexo com o Programa de Financiamento da Pós-Graduação que envolveria aquela
24 mudança. Disse que, na reunião com os cinco Pró-Reitores, tirariam as dúvidas sobre o
25 acordo. Lembrou a todos que a bolsa transformada em doutorado pela CAPES só voltaria
26 a ser de mestrado quando o aluno defendesse, portanto o programa perderia a bolsa de
27 mestrado. Reforçou que tudo seria por adesão e que os Reitores e Pró-Reitores
28 entendiam que aquela poderia ser uma oportunidade, e que algum programa pudesse ver
29 vantagens. Explicou que o programa funcionaria com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação
30 abrindo um edital, que não se sabe ainda se anual ou semestral, para o ingresso naquele
31 programa. Os PROEX que quiserem, apresentam uma proposta de grade curricular de
32 mestrado e informam como gostariam de entrar no plano de mudança, pois seria
33 necessária uma mudança interna. Comentou que alguns programas poderiam já fazer
34 aquilo em seus mestrados e teriam uma certa facilidade, mas outros precisariam de uma
35 mudança possivelmente grande. Incluiria procurar fazer do mestrado acadêmico algo mais
36 profissional, pois estaria envolvendo uma grade do mestrado rápido com um ano de
37 preparação, que poderia virar doutorado em seguida, ou um ano mais um do mestrado.

1 Portanto, a ideia seria não passar de dois anos de mestrado e cinco anos de doutorado,
2 levando em conta um ano de mestrado que o discente já teria feito, e mais quatro anos no
3 caso do doutorado direto. No final, a PRPG vai montar uma Comissão Avaliadora que vai
4 estabelecer se a proposta deveria entrar no programa e fazer jus à mudança das bolsas.
5 Mencionou que nada seria para amanhã, já que seria necessária aquela grande mudança
6 interna, no caso de adesão. Ela sabia que, até o final do mês de agosto, nada iria
7 acontecer, pois a revisão do documento estava sendo feita. Explicou que, no primeiro
8 momento, o projeto com os PROEX seria o piloto e, em seguida, dando certo, os
9 programas de nota 5 poderiam entrar, mas os de nota 4 não. Explicou que a ideia era que
10 o programa aperfeiçoasse suas bases mais consolidadas. Portanto, aquilo só passaria
11 para um programa dentro da instituição e no próprio acordo, não seria somente passar
12 para uma nota que não 6 ou 7, depois que o piloto mostrasse os seus resultados, que
13 tivesse um acompanhamento, uma Comissão Avaliadora. Com aquelas informações, eles
14 estariam juntando duas questões. Uma, que eles estavam preocupados com o apoio ao
15 discente que passasse para um doutorado direto. E a outra, do aluno que só fizesse o
16 mestrado e depois o doutorado simples, o doutorado acadêmico regular. A questão era a
17 ênfase no doutorado direto, que teria o apoio de uma bolsa transformada da CAPES e
18 que poderia vir a complementação da FAPESP, e que, a rigor, o número seria pequeno.
19 Disse que o texto falava que, para os programas de excelência, o máximo anual de
20 estudantes para a conversão para o doutorado seria de 30%, homologado pela Comissão.
21 Para os estudantes que ingressaram naquele modelo no mestrado e receberem bolsa
22 CAPES, 20% no máximo poderiam ser indicados para mudança de nível, e a ele seria
23 concedida a bolsa de doutorado CAPES. Falou que a CAPES estipulou que houvesse um
24 limite de acordo com o tamanho das universidades e do número de PROEX, o que
25 significava, segundo o texto anexo ao acordo, um máximo de 90 bolsas anualmente para
26 a USP, 30 para a UNESP, 35 para a UNICAMP, e 20 bolsas para a Unifesp. Disse que,
27 na época que foi feito o documento, a Federal do ABC e a Federal de São Carlos ainda
28 estavam de fora do acordo, portanto os números seriam outros, já que não teriam PROEX.
29 Falou que havia encaminhado o documento e achava que todos deviam ter visto o
30 desenho da grade curricular alterada, que seria composta por 12 meses de uma pós-
31 graduação estruturada em cima de disciplinas formativas interdisciplinares. E, naquele
32 caso, o próprio programa definiria seu entendimento sobre um programa formativo de
33 disciplinas interdisciplinares, e aquela era a proposta que o programa deveria apresentar
34 no edital da pós-graduação a ser aberto e, então, ao final de 12 meses, a qualificação
35 determinaria se o aluno iria para o profissional ou para o acadêmico, ou para o doutorado
36 acadêmico direto com duração de 4 anos. O conselheiro **Prof. Orlando Luis Goulart**
37 **Peres (IFGW)** perguntou se aquelas seriam disciplinas do doutorado direto e ainda fariam

1 mais daquelas disciplinas. A **Sra. Presidente** respondeu que o aluno iria para o doutorado
2 e a mudança do processo formativo ocorreria no mestrado. Teria uma intenção clara de
3 profissionalizar o discente no sentido de que o mestrado fosse mais voltado para a
4 sociedade, para o mercado, para o mundo etc. A conselheira **Profa. Melissa Gurgel**
5 **Adeodato Vieira (FEQ)** perguntou se havia uma previsão de tempo, pois aquilo envolveria
6 uma grande reestruturação. A **Sra. Presidente** respondeu que não tinha como prever,
7 sabia apenas que pediram para revisar o documento até o dia 23 de agosto e que a
8 primeira reunião seria no dia 15 de agosto. Em seguida, o acordo passaria pelo jurídico,
9 pois nenhum Reitor iria assinar antes de passar pelas Procuradorias Gerais, então
10 poderiam imaginar o que significava aquele tempo. Após aquele trâmite, a CAPES
11 precisaria assinar, e acreditava que passaria pelo jurídico também. Como a FAPESP
12 também teria que assinar, precisariam fazer uma reunião com ela para ter certeza de tudo
13 aquilo que envolve a parte mais obscura, sobre o processo de ingresso para o mestrado
14 por meio de processo seletivo ou somente do próprio PPG, ou integrado entre áreas,
15 observando a adoção de ações afirmativas. Então, entraria na questão da CAPES de
16 estimular ações afirmativas nos programas, pois não seria obrigatória a apresentação de
17 projetos de pesquisa, orientador etc. Disse a todos que já havia falado do processo
18 formativo e dos três desfechos que uma qualificação poderia ter, o aluno passar para o
19 doutorado direto, continuar no mestrado ou ser reprovado. A questão da FAPESP, o texto
20 dizia: “Para avaliação da concessão de bolsa pela FAPESP o candidato à
21 complementação deverá submeter à FAPESP a documentação necessária por meio do
22 seu sistema de processo”. Falou que não seria uma aprovação automática pois teria a
23 avaliação da FAPESP. A conselheira **Profa. Melissa Gurgel Adeodato Vieira (FEQ)**
24 perguntou se não seria tipo o balcão. A **Sra. Presidente** respondeu que não, pois seria
25 um programa específico que a FAPESP estaria entrando e assinando um acordo, mas
26 não era claro o que significava entrar no sistema dela para ser avaliado. Questionou se a
27 avaliação feita pela universidade não bastaria, se a qualificação não daria conta.
28 Precisariam de clareza naquelas questões, caso contrário, não seria de ajuda, sob seu
29 ponto de vista. Paralelamente, também não estava claro com relação à CAPES considerar
30 uma bolsa de pós-doutorado para cada PPG das universidades depois que o programa
31 efetivasse a mudança de nível do primeiro pós-graduando no âmbito daquele Plano de
32 Programa de Acompanhamento. Afirmou que certamente não seria a cada aluno
33 transformado em doutorando, se perguntou se seria a cada ano ou a cada semestre, uma
34 informação que deveria ser apresentada com clareza. Outra dúvida seria sobre a
35 complementação da FAPESP às bolsas de pós-doutorado concedidas pela CAPES no
36 âmbito daquele programa após a mudança daquele primeiro doutorando, até o valor das
37 bolsas de pós-doutorado dela, selecionados por meio de edital próprio. Questionou o que

1 significaria aquilo, respondendo que tais dúvidas deveriam ser tiradas com a FAPESP.
2 Disse que parecia muito claro que nada aconteceria para 2024, mas que levaria as dúvidas
3 para a reunião, porque, de qualquer maneira, seria necessária uma previsão de orçamento
4 na CAPES para 2025, uma vez que, se fosse para iniciar no ano seguinte, ela deveria
5 bancar algumas transformações de bolsa. Mencionou que existia um desejo inerente da
6 Pró-Reitoria de avaliar os próprios programas, e que havia uma sugestão vinda de fora,
7 que estavam encampando, uma oportunidade que não poderiam perder, pois seria
8 interessante para alguns programas. Falou que não estava claro se todos iriam gostar de
9 fazer aquela mudança e questionou qual seria o resultado daquilo, se a ideia era criar
10 mais recursos humanos e doutores, e produzir mais e com maior rapidez, e que o fluxo de
11 alunos não seria muito grande. A ideia seria estimular futuramente que Minas Gerais
12 fizesse algo parecido com a FAPEMIG, CAPES-FAPEMIG ou talvez a Federal de
13 Pernambuco, também consolidada, poderia fazer com a FACEP, uma fundação com
14 recursos. Mas tudo aquilo teria seu próprio caminho. Confessou que tudo foi incentivado
15 pelo Conselho Nacional de Educação, que provocou que as consolidadas poderiam agir
16 sozinhas, fora do sistema, e as ideias vieram surgindo. O conselheiro **Sr. Marcelo Felipes**
17 **Silvia Estácio de Santana (Representante Discente FEA)** disse ter duas perguntas. A
18 primeira era se aquilo iria substituir ou se seria uma nova modalidade. E a outra era como
19 seria a titulação, naquele caso. Porque seria um profissional diferente, pelo que era visto
20 do mestrado. Questionou se aquilo se enquadraria no mestrado profissional ou no
21 tradicional. A **Sra. Presidente** respondeu que não estava escrito naquela versão do
22 acordo. Chamou atenção para um ponto que a profa. Cláudia havia mencionado, sobre a
23 desistência do aluno, pois era uma situação que acontecia havia anos nas universidades,
24 de aquele aluno que, depois de ter feito as disciplinas e concluído tudo, desistia do curso
25 sem ter feito a tese ou a qualificação. Explicou que, naquele caso, o discente recebia um
26 certificado de especialista naquela área e que aquilo tinha na Unicamp e nas públicas
27 paulistas desde muito tempo. Falou que, se o programa montasse um mestrado
28 profissional – e ele poderia, porque estaria em uma universidade consolidada e seria um
29 PROEX, só seria avaliado pela CAPES futuramente – seria um mestrado profissional, mas
30 não seria obrigatório montar. A ideia seria elaborar um novo processo formativo para o
31 aluno ingressante no mestrado, de forma que ele fizesse tudo em um ano e tivesse a
32 opção de ir para um lado ou para o outro. Finalizou dizendo que não se tratava de fazer
33 um novo mestrado, mas de mudar o atual, a não ser que tivesse um profissional para
34 fazer. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** disse que entendia
35 aquilo como uma discussão antiga, cuja possibilidade já era colocada desde sua época
36 de aluna do mestrado. Mas o que estava entendendo era que o mestrado estaria se
37 tornando uma espécie de curso preparatório para o doutorado. E se preocupava com a

1 frase do documento da pós-graduação que se referia a um documento do CGEE, que
2 dizia: “O documento nacional sugere que a pós-graduação pode estar atuando como um
3 nível de aprofundamento da desigualdade educacional no país”, pois a USP sempre
4 aparecia como um modelo, e aquilo era muito conveniente. Com a força que tinha, ia
5 adaptando e colocando a sua própria pauta, querendo universalizar. O que a deixava
6 preocupada com os dados que estavam naquele documento sobre a média de idade de
7 titulados de 30 a 40 anos, mais perto dos 40, era que a FAPESP não contemplaria, por
8 exemplo, naqueles 20%. E sabia, como parecerista, o quanto seria difícil alguém que
9 decidiu fazer uma formação, que trabalhou, fez outra graduação e depois uma formação
10 de pós-graduação, conseguisse, com um tempo tão distante, uma bolsa FAPESP. Falou
11 que parecia um pouco reiterativo criarem um outro modelo que pudesse aprofundar as
12 desigualdades no ingresso e na formação. Achava um pouco leviana a maneira como a
13 USP colocava aquilo, e pensava que seria necessária uma discussão, inclusive com a
14 graduação, sobre como deveriam proceder. Comentou que existiam perfis nos programas
15 do IFCH, como o dos alunos bem jovens, que faziam uma iniciação, uma segunda
16 iniciação e o mestrado com 20 e poucos anos. O outro perfil era o caso do Programa de
17 doutorado em Ciências Sociais, que recebia colegas inseridos no mercado de trabalho,
18 instituições, ministérios. Disse que logicamente não ingressariam, por se tratar de um
19 doutorado, mas deu o exemplo porque achava que deveriam fazer uma discussão muito
20 mais profunda junto com a graduação e com o PLANES sobre qual perfil gostariam de
21 formar, e poderiam cair em outra discussão naquele sentido, sobre o etarismo. Finalizou
22 dizendo que, sem uma discussão mais aprofundada, poderiam estar criando mais um tipo
23 de desigualdade. A **Sra. Presidente** reagiu à fala da profa. Nashieli relatando que os
24 dados que tinham eram muito parecidos com os da USP e da Unesp, as quais também
25 formavam muitos doutores com mais idade, e até mais ainda em algumas áreas da USP.
26 Disse que não se lembrava no caso da Unesp, mas que todas eram naquela mesma faixa
27 de idade. Apresentou que o argumento era exatamente propor outra coisa ao sistema de
28 pós-graduação. Exemplificou que os doutorados sociais, nos quais as pessoas eram
29 profissionais que já trabalhavam em suas áreas há muito tempo e iam para cursar
30 subáreas específicas, como no caso do IFCH, não entravam no caso e não se tratava do
31 perfil que estava sendo desenhado naquela discussão. Disse que o perfil desejado e que
32 estava sendo proposto era daquele aluno mais iniciante que, por exemplo, fez duas
33 iniciações científicas, daquele aluno da Medicina que era pego na Graduação e já levado
34 ao doutorado, que suspendia a graduação e já era levado para fazer o programa de
35 formação. Disse que a ideia era, não eliminar, mas reduzir o tempo do processo de
36 formação para que pudessem formar doutores em menos tempo. Não estava certa se
37 aquilo entraria numa discussão de etarismo. Apontou que o próprio Plano Nacional de

1 Pós-graduação estava discutindo aqueles pontos, considerando que tinham tal perfil no
2 país e que precisariam dar conta de, comparativamente com outros países, fazer alguma
3 coisa semelhante. Comentou que as diferenças de idade, contudo, não eram tão grandes,
4 e que, enquanto, no Brasil, doutores entravam no mercado com cerca de 39, 40 anos, os
5 Estados Unidos colocavam doutores com 32, 33, que eram anos que faziam alguma
6 diferença, mas não chegavam a ser décadas. Apontou que tinha pessoas que se
7 formavam no doutorado com 20 e poucos anos, bem como com 40, e que todos estavam
8 dentro do tempo do conhecimento e da ciência. Disse achar que aquela reflexão – sobre
9 o tempo da aquisição do conhecimento e da produção de algo interessante e inovador no
10 doutorado – poderia estar por trás de alguns fatores ali, mas que nunca apareceria no
11 documento. Comentou que esse tempo certamente não seria de apenas um ano, tanto é
12 que a proposta não alterava o doutorado, apenas o mestrado. Apontou que aquele
13 movimento certamente já existia há anos e suas ideias já eram conhecidas, e consistia
14 em fazer do mestrado uma etapa realmente minúscula na formação das pessoas, e que
15 era nisso que se traduzia o documento. Comentou, a respeito da adesão, que certamente
16 boa parte dos programas, como os doutorados sociais, não se identificavam com aquela
17 forma. Comentou que haveria outros cursos, de áreas em que a aquisição do
18 conhecimento talvez demorasse mais do que três ou quatro anos, que não iriam querer
19 aderir à mudança. Apresentou o que estava descrito no documento, o qual especificava
20 que os primeiros 12 meses de pós-graduação, no mestrado, seriam dedicados a
21 disciplinas previstas na matriz curricular do curso, aquisição de competência, habilidade,
22 identificação de orientador e projeto etc., e que, naquela etapa, os programas deveriam
23 propiciar modelos formativos voltados à inserção social, à interdisciplinaridade, à
24 transdisciplinaridade, atividades de estágios extramuros, dentre outros. A proposta de
25 processo formativo do programa seria analisada pela Pró-Reitoria e passaria pelo edital
26 de seleção de programas para que houvesse adesão ao presente trabalho. Esclareceu
27 que, então, o programa em questão precisaria discutir internamente com sua Comissão
28 sobre mudar o processo formativo para, de alguma forma, voltar-se para realizar tais
29 propostas dentro de sua área e apresentar o plano de adesão àquele plano de trabalho.
30 O conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)** deu bom dia a todos. Revelou
31 não ver com tanta preocupação tais mudanças no mestrado, afinal, tratava-se de
32 praticamente uma bolsa por programa e, pelas contas, 35 bolsas para toda a universidade
33 significaria uma bolsa por programa. Disse que, na prática, da maneira como entendeu,
34 seria o suficiente para os egressos do bacharelado, pois eles tinham a possibilidade de,
35 através do PIF, fazer matérias de pós-graduação ainda na graduação, e a maioria deles
36 fazia aquilo, então se trataria apenas de contemplar os melhores alunos ingressantes do
37 mestrado. Para eles, o prazo até o doutorado ser reduzido não seria exatamente uma

1 perda de tempo, mas que para aquilo seria necessário ficar menos tempo num mestrado.
2 Comentou que aquele programa contemplava praticamente 21 alunos, portanto, o único
3 trabalho que teriam seria basicamente checar como poderia ser feito um remanejamento
4 de matérias de mestrado, no sentido de colocar as matérias mais gerais no primeiro ano,
5 as quais os alunos precisariam cursar de qualquer forma. Se trataria de remanejar um
6 pouco as matérias na grade curricular e sua ordem. Reafirmou que não se preocupava
7 tanto e não enxergava como radicais as reformas que precisariam ser feitas no mestrado,
8 uma vez que o doutorado permaneceria sem mudanças, nos mesmos moldes atuais. E,
9 também, por se tratar de um ou dois alunos por programa, não precisariam se preocupar
10 tanto com a questão. Agradeceu. A **Sra. Presidente** concordou quanto ao impacto que
11 aquilo tinha, mas apontou que, para que tivesse um ou dois alunos por programa, ainda
12 seria necessário aderir ao programa, seriam muitas mudanças internas de processo
13 formativo. Afirmou que via tudo aquilo com muito cuidado e que não imaginava que todos
14 juntos iriam querer entrar no programa, sem o prévio conhecimento e discussão, embora
15 fosse possível, pois era uma oportunidade para as universidades públicas paulistas; mas
16 indicou que deveria haver esse cuidado na adesão, pois, quando se propunha a um
17 programa, como o PROEX, que mudasse sua grade e seu processo formativo no mestrado
18 para que fosse mais rápido na aquisição de habilidades e competências e mais voltado à
19 profissionalização, como o caso descrito no documento, estaria mudando toda a cara do
20 mestrado em algumas áreas. Disse que era uma opção, e que poderia ser vantajoso não
21 apenas na concessão de bolsas – que seriam uma ou duas por programa – mas em
22 fortalecer um fluxo rápido e ter mestres e doutores mais rapidamente. Disse que, se o
23 programa quisesse fazer aquilo, então fariam, e juntamente haveria o bônus de que um
24 número de bolsas de mestrado seria transformado em bolsas de doutorado e uma possível
25 complementação da FAPESP. Expressou que seria uma oportunidade de mudar um
26 pouco o que era o mestrado, e que aquela Resolução do Conselho havia concedido
27 autonomia aos programas, às universidades, aos PROEXs, para que pudessem fazê-lo,
28 caso quisessem, para que seus processos de formação no mestrado acontecessem de
29 uma forma diferente, mais rápida, conseqüentemente acelerando o doutorado. Concluiu
30 que o que estava sendo proposto era uma mudança de fundo, pois via aquilo como um
31 processo formativo de mestrado específico, e com o bônus de poder inserir recursos
32 humanos mais rapidamente na sociedade. Disse que por tais motivos enxergava a
33 proposta com cuidado, e que não se tratava apenas das bolsas, mas de alterar seriamente
34 um processo formativo. O conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)**
35 levantou um ponto adicional que acreditava ser relevante para a reunião do dia seguinte,
36 de acordo com o que havia entendido da reunião atual e da passada sobre o assunto.
37 Perguntou se, no momento de solicitar a complementação da bolsa com os recursos da

1 FAPESP, aquilo entraria pela sistemática usual. A **Sra. Presidente** disse que aquela era
2 uma dúvida que tinham e teriam de tirar com a própria FAPESP, já que estava indicado
3 para entrar no sistema da FAPESP, não sendo algo resolvido no balcão. Questionou-se
4 se caso haveria uma área própria para o programa, se haveria uma indicação daquilo
5 fazer parte dele, pois, se fosse o caso, já teria havido uma avaliação de que o aluno seria
6 um doutorando direto e com bolsa da CAPES. Questionou o que a FAPESP faria para
7 complementar – se analisaria tudo novamente ou colocaria indicadores que a
8 interessassem, se deveria ser mais voltado para a inovação do que para outro fim.
9 Apontou que aqueles eram fatores que todos vinham pensando, e apontou que a FAPESP
10 certamente tinha suas prioridades no investimento em recursos humanos, tanto era que
11 ela não abriu para tudo, mas apenas para tais prioridades. Questionou se aquilo iria
12 orientar a concessão da complementação. Disse que aqueles eram pontos que deveriam
13 saber, pois não estava descrito – e talvez a FAPESP nem gostaria que estivesse – mas
14 de qualquer forma era necessário ter aquela clareza. O conselheiro **Prof. Plamen Emilov**
15 **Kochloukov (IMECC)** perguntou se tal complementação iria contemplar a possibilidade
16 de BEP – embora não esperasse uma resposta imediata, mas que talvez devesse ser
17 levantada na reunião do dia seguinte. A **Sra. Presidente** disse que não sabiam, e
18 acrescentou que levantaria aquela questão futuramente. Abriu para mais perguntas. O
19 conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)** apontou que garantir tal coisa
20 também poderia ser um pouco significativo para os programas, por se tratar dos melhores
21 alunos aqueles que estariam ingressando no programa, e que se davam melhor no exame
22 de qualificação. A **Sra. Presidente** concordou que, dentro daqueles poucos programas,
23 seria sim. A conselheira **Profa. Cinthia Baú Betim Cazarin (FEA)** disse que não
24 conseguia enxergar uma vantagem tão grande para o doutorado, visto que seria apenas
25 um aluno, quando muito. Mas se preocupava com a porta de entrada – o mestrado –, pois,
26 pelo que havia entendido, a bolsa de mestrado ficaria presa por aqueles quatro anos, ou
27 seja, perderia quatro bolsas de mestrado em quatro anos. A **Sra. Presidente** disse que
28 não sabia se seriam quatro anos, e que, quanto ao aluno que estaria levando a bolsa, só
29 poderia haver um doutorando direto. A conselheira **Profa. Cinthia Baú Betim Cazarin**
30 **(FEA)** apontou que, era possível ter um a cada ano, então poderia chegar uma hora em
31 que quatro bolsas estariam presas até que a primeira delas fosse liberada, e aquilo a
32 preocupava. Comentou que um aluno bom era bom independentemente da situação, e
33 estariam o beneficiando de qualquer forma e que ele necessitava do reconhecimento, mas
34 relatou ter sofrido com a questão das bolsas e que estava incerta, pois as aparentes
35 vantagens estavam um pouco atreladas a problemas recorrentes, e, por mais que
36 modificassem todos os processos, diminuísse o número de bolsas, tornaria o ingresso
37 cada vez pior, dificultando a entrada. Disse que, não conseguia enxergar plenamente as

1 vantagens. A **Sra. Presidente** concordou com a profa. Cíntia, e afirmou que tudo ainda
2 estava muito obscuro para entender qual seria a vantagem, que poderia existir só a
3 princípio, na intenção de mudar o perfil dos formados e o fluxo de formação e de colocar
4 recursos humanos mais rapidamente no mercado de trabalho e na sociedade. Disse que
5 achava até interessante se aquela fosse uma mudança de princípio, mas que era uma
6 mudança de princípio que poderia ocasionar uma mudança séria do programa, já que
7 parte dos programas já eram constituídos de determinada maneira há décadas, e agora
8 iriam propor uma mudança estrutural em sua base. Questionou se valeria a pena e, caso
9 valesse, poderiam perfeitamente aderir ao programa. Se aquilo resultasse em bons
10 alunos, seria um bônus por ter aderido. Disse que enxergava mais como um estímulo para
11 a mudança daquele processo dentro do programa. Disse não conseguir avaliar naquele
12 momento qual seria o resultado, ou quantos doutores colocariam no mercado com mais
13 fluxo e menor tempo, era algo que não era possível ainda saber e que deveria ser avaliado
14 ao longo do tempo. Relatou, no entanto, que as mesmas dúvidas apresentadas pelos
15 colegas eram dúvidas que os pró-reitores tinham – talvez não o da USP, mas todos ali. O
16 conselheiro **Prof. Orlando Luis Goulart Peres (IFGW)** perguntou se aquilo mudaria o
17 programa todo ou se seria apenas para os alunos que estivessem no programa. A **Sra.**
18 **Presidente** respondeu que mudaria todo o mestrado, e que seria a mesma regra para
19 todos, tendo o aluno a bolsa ou não. O conselheiro **Prof. Orlando Luis Goulart Peres**
20 **(IFGW)** introduziu uma questão particular, e comentou que os alunos da Física não
21 gostavam de fazer doutorado e que a maioria dos alunos de doutorado do IFGW eram de
22 outros cursos, como Engenharia Elétrica, e que mesmo os próprios orientadores tinham
23 muita resistência e não gostavam de fazer doutorado direto. A **Sra. Presidente** perguntou
24 a razão disso. O conselheiro **Prof. Orlando Luis Goulart Peres (IFGW)** disse que o
25 argumento dos alunos era “não quero decidir a minha vida agora”, e o mestrado fornecia
26 um tempo a mais para que soubessem se realmente queriam fazer aquilo e continuar para
27 um doutorado. Quanto aos orientadores, estes tinham receio em colocar todas as fichas
28 em um aluno o qual não sabia se sentiria muita pressão e daria conta de fazer o doutorado
29 direto, uma vez que ele não teria toda a preparação do mestrado. Afirmou que aquelas
30 eram as grandes dúvidas sobre as quais boa parte de seus colegas discutiam. A **Sra.**
31 **Presidente** concordou que aquelas eram grandes dúvidas. O conselheiro **Prof. Orlando**
32 **Luis Goulart Peres (IFGW)** reiterou que havia muita resistência, e que mudar todo o curso
33 de pós-graduação para aquele perfil seria uma coisa bem complicada. A **Sra. Presidente**
34 reiterou novamente que via tudo aquilo com grande problematização, no sentido que
35 teriam que discutir muito mais. Por exemplo, se seria possível fazer um mestrado em
36 Física em um ano e mudar seu processo formativo. Se seria possível para um aluno fazer
37 um mestrado em Filosofia em um ano e então mudar seu processo formativo para que ele

1 tivesse um outro perfil para que pudesse, eventualmente, seguir para um doutorado direto.
2 Se ele deveria continuar o mestrado acadêmico e prestar o doutorado acadêmico, como
3 sempre, ou seguir eventualmente para o doutorado direto. Ressaltou que aquela era uma
4 questão de fundo, e por isso que uniram aquele assunto à questão da avaliação. Disse
5 que, apesar de problematizar bastante aquilo tudo, havia uma pressa que estava
6 constringendo a todos em termos de tempo. O conselheiro **Sr. Marcelo Felipe Silvia**
7 **Estácio de Santana (Representante Discente FEA)** comentou que, embora aquilo
8 parecesse um pequeno passo, achava que poderia fazer uma grande diferença no sentido
9 de mudar a estrutura e a mentalidade de vários alunos. Disse que, da forma que
10 enxergava, muitos alunos do mestrado e doutorado e que desejassem fazer pós-
11 graduação tinham uma visão muito academicista, e muitos deles que procuravam a pós-
12 graduação gostariam de permanecer na academia. No entanto, a academia conseguia
13 mais reter aquelas pessoas dentro dela, pois era muito importante ter tal visão dentro do
14 mestrado e do doutorado, a fim de ampliar a mentalidade das pessoas e mostrar que elas
15 podem alcançar seus objetivos na indústria ou no mercado também. Reiterou que achava
16 muito interessante e que, embora pequeno, era um passo que poderia fazer grande
17 diferença e que, à medida que se observasse a mudança, poderiam ir dando outros
18 passos e ampliando e modificando ainda mais o mestrado tradicional, melhorando-o. A
19 **Sra. Presidente** ressaltou que foi importante o Sr. Marcelo levantar aquilo, não apenas
20 por ser de uma área aplicada (Engenharia de Alimentos), mas porque aquela era a visão
21 que o documento se referia como “habilidades e competências” – o qual afirmou ser um
22 nome péssimo e tecnocrático –, que contemplava saber como tratar e manipular o objeto
23 de estudo, proceder no trabalho, etc., pois acreditava que haveria áreas que se
24 adaptariam muito bem àquele tipo de mudança. Ressaltou que, mais importante ainda,
25 era ele falar como representante discente, pois havia ali a percepção de que aquilo
26 pudesse ser mais importante para o processo de formação sem pensar apenas na questão
27 acadêmica. Disse que eram visões que se uniam por dois lados. O conselheiro **Prof.**
28 **Marko Synesio Alves Monteiro (IG)** disse que achava difícil opinar, visto que não tinham
29 uma proposta detalhada. A **Sra. Presidente** apontou que a proposta não estava pronta.
30 O conselheiro **Prof. Marko Synesio Alves Monteiro (IG)** comentou que escutou
31 conversas dos coordenadores de que havia apenas um papel, então era esquisito não ter
32 acesso a todos os detalhes, o que dificultava opinar. Recordou da iniciativa que a USP
33 teve antes da pandemia, a qual forçava um pouco para aquele lado, e agora estava
34 voltando por iniciativa da própria USP. Concedeu que também gostaria de ver um
35 mestrado mais *streamline*, e que havia tentado aquilo em seu programa, mas que achava
36 difícil porque, por exemplo, as pessoas não iriam querer diminuir disciplinas. Estranhou
37 também a maneira como aquilo tudo parecia focado em São Paulo, e que parecia sim

1 haver um incentivo, como a Sra. Presidente comentou, mas havia ao mesmo tempo um
2 subsídio da CAPES e da FAPESP. Questionou por que a CAPES, de fora de São Paulo,
3 daria aquelas bolsas, então era tudo muito estranho em termos nacionais, e se a Unicamp
4 estava entrando, significava também comprar um pouco daquela posição, com a qual
5 inclusive a CAPES também estava de acordo. Questionou qual seria a base para que a
6 CAPES estivesse de acordo, e apontou que aquilo era uma questão para a reunião.
7 Levantou também, quanto à questão das bolsas, que não se sabia se haveria ganho ou
8 perda de bolsas, uma vez que não sabiam os detalhes ou os cálculos. Questionou qual
9 seria então o ganho de fato, e expressou que aquilo tinha um cheiro de “gambiarra”, pois,
10 em vez de fazer uma discussão mais estruturante do curso, discutiam o mestrado.
11 Comentou que a CAPES poderia bancar um ou dois pós-doutorandos para fazer uma
12 pesquisa, mas decidiu criar uma “gambiarra” para que São Paulo e a USP conseguisse
13 uma certa elite de alunos. Levantou também que poderia haver questionamentos dentro
14 dos programas como o porquê de certo aluno obter uma entrada diferente, pois já existia
15 anteriormente o ingresso no doutorado direto, então aquilo seria criar um outro tipo de
16 diferenciação. Também exemplificou que, em seu programa, havia um projeto muito
17 grande da FAPESP, no qual havia muitas bolsas de doutorado direto, então já havia tempo
18 que a FAPESP tentava direcionar e incentivar tais programas aos alunos, e não
19 conseguiam cumprir a expectativa de preenchimento das bolsas, visto que era muito difícil
20 encontrar aquele perfil de aluno, dadas as condições colocadas pela FAPESP, que dava
21 três anos de bolsa, mas as pessoas não queriam só três anos, pois não estariam maduras
22 para sair da graduação e entrar no doutorado, falando inglês e cumprindo com as várias
23 cobranças. Apontou que havia questões estruturais do entorno do programa, e que não
24 adiantava só mudar a regra se todo o sistema estivesse voltado para um certo tipo de
25 formação. Ressaltou também a questão do sentido social que aquilo tudo tinha, e que,
26 infelizmente, era necessário observar o entorno social dos programas, então o que seria
27 interessante era aproveitar o momento para discutir se o mestrado estava cumprindo o
28 desejado, e ao mesmo tempo tomar cuidado com as “gambiarrras” institucionais de se
29 inserir num acordo onde tudo ainda estava em aberto. Questionou o que a FAPESP e a
30 CAPES fariam, pois disse achar até interessante uma mudança no mestrado, mas que a
31 criação de uma porta paralela, que afunila demais, para um único aluno ou dois, poderia
32 causar um debate interno complexo nos programas e fóruns. A **Sra. Presidente** falou ao
33 prof. Marko que, como cientista social, considerava que estavam todos no mesmo barco,
34 e que avaliava com muita dificuldade uma proposta que rompia com o sistema nacional.
35 Expressou que, desde o início, alguns sempre desconfiaram que a CAPES não
36 concordaria com tal proposta, mas viram que a CAPES não só aceitava como apoiava, e
37 aquilo que se mostrou controverso, pois não tinham conhecimento da razão pela qual ela

1 concordava, apenas era um fato. Disse que o mais impactante era o fato de a CAPES
2 concordar com o Conselho e com aquela recuperação de um papel que era dela, de
3 inclusive definir o que era consolidado. Mencionou que a CAPES há décadas vinha
4 fazendo avaliação quadrienal, distribuindo notas e definindo quais eram as consolidadas
5 e, agora, de repente, o Conselho era o que viria apontado quais eram consolidadas,
6 tomando assim o papel da CAPES de avaliar aquilo que era o auge do sistema nacional.
7 Apontou que era tudo muito controverso e problemático que aquilo nunca tenha sido
8 discutido com a comunidade. Comentou que o CTC, da própria CAPES, já reclamou com
9 ela, bem como a comunidade. Disse que fazer aquele tipo de coisa era habitual da nova
10 gestão. Disse também que aquele documento do Conselho estava tendo notas técnicas,
11 e que uma daquelas notas da CAPES era a mencionada sobre a criação de cursos por
12 aquelas universidades, em que, caso criassem os cursos, deveriam bancá-los até que
13 fossem incorporados ao sistema nacional, ou seja, não era uma liberdade total, mas que
14 deveriam bancar até a avaliação acontecer. Apontou também que havia outras notas
15 menores feitas pela CAPES, que ainda não eram conhecidas, mas a CAPES pediu que o
16 ministro não assinasse até que fossem revisadas, já que, embora a resolução fosse do
17 Conselho, o ministro era quem deveria assinar para ter validade. Comentou que na
18 reunião do dia seguinte poderiam ter respostas melhores a respeito e que, mesmo que
19 fosse uma reunião apenas de pró-reitores, sem a presença da CAPES e FAPESP, ainda
20 seria a primeira reunião para entender e revisar aqueles documentos e apontar o que
21 deveria ser melhorado. Cogitou também a possibilidade de terem uma reunião com a
22 FAPESP e uma reunião com a CAPES, mas questionou novamente se iriam aderir àquilo,
23 se estariam de acordo em assumir aquela quebra do sistema de pós-graduação e aplicar
24 uma nova configuração a ele. Comentou que, se fosse o caso, estariam aproveitando uma
25 oportunidade de São Paulo ter uma FAPESP entrando num programa de aperfeiçoamento
26 da pós-graduação, afinal, até onde sabiam, a FAPESP sempre havia se colocado ao lado
27 da pós-graduação. A FAPESP já apontou várias vezes que seu intuito não era formar
28 recurso humano, mas fazer pesquisa, como se uma coisa estivesse dissociada da outra.
29 Disse que o fato era que de repente teriam um apoio que nunca tiveram, e que obviamente
30 também se devia a ter na Diretoria Científica um ex-pró-reitor e um ex-diretor da CAPES,
31 o prof. Márcio. Disse que era claro que houvesse visões diferentes em algumas questões,
32 talvez por questões de proximidade, mas a questão era que São Paulo convenceu a
33 CAPES a tocar algo, talvez por meio do argumento de ser necessário colocar doutores.
34 Perguntou aos demais se tinham visto um último recente, que acreditava ser do Estadão
35 ou da Folha, publicado pela presidente da CAPES, no qual dizia que era um absurdo dizer
36 que a pós-graduação estava em crise. Comentou que ela não havia ainda lido direito o
37 Plano Nacional de Pós-Graduação que havia sido feito, mas que partia daqueles

1 argumentos a ideia de que precisavam produzir mais doutores para o país, indo na mesma
2 direção que o argumento de São Paulo. Retomou que aquele era o grande movimento do
3 qual estavam fazendo parte e indagou novamente se deveriam assinar aquele acordo.
4 Disse que não havia razão para não entrarem no acordo, mas que, quanto a aderir, era
5 outra história, pois dependia de os programas de fato o tocarem adiante. Reforçou que
6 assinar acordo era uma coisa diferente de aderir ao acordo, que seria algo que vai
7 requerer repensar o programa, como foi levantado por todos e levando em conta as
8 opiniões do sr. Marcelo e do prof. Orlando. O conselheiro **Prof. Claudio Chrysostomo**
9 **Werneck (IB)** deu bom dia e relatou que se sentia pescado naquilo tudo, como se
10 tivessem jogado uma isca para saber quem aderiria ou não. Expressou que, dentro da
11 universidade, conseguia enxergar cursos com diferentes programas, com diferentes
12 características, que se encaixariam muito bem naquela ideia de desenvolvimento
13 tecnológico e se arriscariam mais em focar naquela área mais profissionalizante e de
14 resposta mais rápida ao mercado. Disse que todas aquelas ideias novas que apareciam,
15 num contexto de “cobertor curto”, lhe deixavam a impressão de que, caso aquilo tivesse
16 um bom encaminhamento, iriam pender para aquele lado ajustando com o que se tinha e
17 dariam mais condições para que aquilo fosse empregado também em outros cursos ou
18 programas. Disse que sua impressão era que aquilo que estava ocorrendo era uma
19 discussão sobre se deveriam estar atuando em pesquisa básica ou pesquisa tecnológica,
20 pois esta era que acabava trazendo mais resultado para o mercado e com mais rapidez,
21 por isso era importante. Comentou, no entanto, que o que enxergava era que sempre
22 havia uma pressa em tentar chegar mais próximo do topo, o que não era ruim em si, mas
23 que, devido à história da universidade, tentavam sempre queimar etapas. Relatou que a
24 época de sua pós-graduação do doutorado tinha sido quando começaram a criar os MhDs
25 e PhDs no Brasil, justamente para tornar mais atrativo e permitir que os médicos
26 pudessem fazer doutorado e alguma coisa muito mesclada com residência. Disse que,
27 quando viu o programa na UFRJ, odiou, mas quando chegou na Washington University
28 em St. Louis e viu o programa de MhD e PhD deles, percebeu que era completamente
29 diferente, e justificou que era assim por conta de formação, pois lá davam um estímulo
30 para o aluno fazer o PhD, mas ele levava mais tempo para se formar de qualquer forma,
31 então se traduzia em um investimento na carreira dele, diminuía o pagamento de *tuition*
32 do aluno, mas poderia ficar mais tempo para poder se formar e realizar o doutorado. Disse
33 que, no caso da UFRJ, aparentava que queriam fazer alguma coisa para abreviar o tempo
34 de formação para que o médico pudesse sair com o PhD. Expressou novamente que sua
35 impressão era de que sempre estavam tentando criar adaptações, e que aquilo acabava
36 trazendo algumas coisas não necessariamente boas. Caso a intenção fosse realizar algo
37 profissionalizante e com volta mais rápida para o mercado, o necessário seria mesmo

1 fazer algo mais aplicado, sem problema algum, até porque era algo que cabia muito bem
2 em algumas áreas, mas não em todas. Disse que, para ele, ficava muito clara a questão
3 da intervenção a respeito de qual o tipo de pesquisa que deveria ser feita dentro da
4 universidade, e que aquilo poderia trazer riscos. Comentou que sua área, por exemplo,
5 estava no meio do caminho entre ambas, e havia coisas que deveriam ser aplicadas e
6 coisas que necessitavam de pesquisa básica. Questionou como ficaria a questão
7 naqueles casos e se, caso começasse realmente a dar frutos, tudo se voltaria àquilo, e
8 perguntou se era isso que queriam. Ressaltou que não via o caso com tão pouca
9 preocupação quanto o colega, mas uma relativamente maior, como a da Sra. Presidente.
10 Expressou se sentir chateado em pensar que, de tantas instituições, apenas 17 eram
11 consolidadas, e que aquilo era um problema seríssimo. Não julgou necessário promover
12 uma discussão sobre o assunto, mas atentou que era importante visualizar e analisar
13 como estava sendo e por que havia tão poucas, sendo que, das 17 consolidadas, 14 se
14 situavam na região Sudeste. Reafirmou que tinham assuntos extremamente mais sérios
15 para discutir, pois, se fosse parar para refletir sobre aquela questão, poderiam dizer que
16 o sistema de pós-graduação no Brasil não existia ou estava falido, ao considerar que
17 apenas 17 de 500 instituições tinham programas considerados consolidados de pós-
18 graduação, uma situação muito falha. Refletiu que às vezes aquelas ideias pareciam
19 tentativas sendo lançadas para tentar a sorte, uma vez que estavam todos cheios de
20 dúvida, sem entender absolutamente nada da proposta, muito esquisito. A **Sra.**
21 **Presidente** ressaltou novamente que não discordava daquele ponto de vista e que via
22 com muito problema a questão de haver apenas 17 consolidadas. Levantou o fato de não
23 ter havido uma discussão verdadeiramente profunda a ponto de ler o Plano Nacional de
24 Pós-Graduação para notar que o sistema possuía assimetrias. Ressaltou que, se o
25 objetivo da CAPES fosse diminuir as assimetrias, ela estaria, na verdade, indo na direção
26 contrária, enfatizando e aumentando-as com a aderência à proposta. Não que a CAPES
27 não pudesse diminuir as distâncias entre universidades por meio de alguma outra política,
28 mas, de qualquer forma, aquela ainda constituía uma ênfase às assimetrias. Observou
29 que não tinha visto a USP discutindo aquela questão com todos seus 264 programas.
30 Levantou que claramente sabiam que havia diferenças e que conheciam as pessoas, pelo
31 menos de suas áreas, e sabiam que a discussão talvez fosse de um lado para o outro.
32 Apontou, afinal, que estava claro que a intenção de fato era dar proeminência para a USP,
33 e que aquilo começou lá atrás com a adesão dos outros à USP, quando seu reitor se
34 manifestou para o ministro por carta dizendo que aquilo que o Conselho estabeleceu tinha
35 sido de uma ousadia formidável. Concordou que era uma ousadia mesmo, mas comentou
36 que o uso de “formidável” por ele era por conta do argumento que usou, que envolve dar
37 retorno para a sociedade, para o mercado, para a formação de menor tempo de doutores

1 etc. Adicionou que o argumento de ter feito aquela manifestação para o ministro, não como
2 acordo, mas como reitor da USP, foi o também porque alguém precisava reagir contra os
3 argumentos do Fórum de Pró-Reitores Nacional, que era ele que falava das três paulistas
4 e que faziam coisas e pressionavam para que aquilo não virasse política; e contra a própria
5 ABRUEM (Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais) que se
6 manifestou fortemente contra aquilo tudo, até porque as outras estaduais além das 3, mais
7 ainda do que as federais, sofriam muito mais em termos financeiros, pois eram menores
8 e tinham menos condições de dar conta daquela assimetria. Apontou que havia um
9 número muito grande, que não lembrava exatamente, de universidades estaduais
10 revoltadas com tudo aquilo se manifestando contra. Concluiu que havia um movimento
11 político ainda no topo, o qual não tinham acesso e não sabiam em que resultaria, mas que
12 aquele processo estava correndo e havia a intenção de que coisas como a revisão do
13 texto ficassem prontas até o final do mês, e a ideia era trazer maior legitimidade ao acordo
14 ao trazer junto três federais paulistas: Unifesp, ABC e São Carlos, pois aí não se trataria
15 apenas de uma política com as três paulistas estaduais, mas relacionado a todo o Sistema
16 Paulista de Pós-Graduação. Aquela junção das federais era o que se destacava e trazia
17 a legitimidade. Apontou que estava trazendo aquela discussão para o conhecimento de
18 todos, embora ainda estivesse naquele limbo. Disse que não duvidava que o acordo fosse
19 assinado e acontecesse, e não duvidava que a CAPES e a FAPESP estivessem juntas
20 naquilo, mas que enfim, era algo que precisava ser acordado, pois eram duas etapas de
21 qualquer forma: uma coisa era a Unicamp assinar o acordo, e a outra coisa era os
22 programas aderirem, coisas juntas, mas diferentes. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia**
23 **Rangel Loera (IFCH)** mencionou novamente o gráfico enviado, com relação ao que o prof.
24 Cláudio levantou, sobre a diferença entre as 17 universidades e o restante. Apontou que,
25 mesmo internamente ao estado de São Paulo, a USP se apresentava disparada na frente,
26 com 141 programas, e a Unicamp se encontrava em quarto lugar, com 37, o que era uma
27 diferença enorme. Disse que, por aquela diferença enorme interna estava muito
28 desconfiada. A **Sra. Presidente** apontou que o acordo já colocava aquilo, que significava
29 90 bolsas para a USP, 35 para a Unicamp e 30 para a Unesp. Disse que deveria existir
30 um cálculo para que a CAPES soubesse o quanto que ela potencialmente desembolsaria
31 para complementar as bolsas. Usou “potencialmente” porque poderia haver um ano em
32 que não tivesse nenhum doutorando direto, bem como um ano em que cada programa
33 tivesse dois doutorandos diretos. Só que, no caso de todos os programas terem dois
34 doutorandos diretos, ainda assim apenas 35 seriam contemplados pelas bolsas
35 anualmente na Unicamp, bem como 90 no caso da USP. Disse que aquela diferença já
36 estava estabelecida no próprio acordo, e não tinha muito como temer a diferença entre
37 USP, Unesp, Unicamp e as outras paulistas, pois fazia parte do tamanho e não tinha como

1 brigar em relação àquilo. Prometeu também fazer um relato da reunião para todos, a ser
2 enviado dois dias depois. Perguntou se alguém tinha mais comentários. O conselheiro
3 **Prof. Luiz Fernando Bittencourt (IC)** perguntou, com relação ao último comentário da
4 presidente, se, caso todos os programas aprovassem dois doutorandos de uma vez, quem
5 decidiria quem ficaria com as 35 bolsas, se era a Pró-Reitoria, a CAPES ou a FAPESP. A
6 **Sra. Presidente** comentou que aquela era uma boa pergunta, e que provavelmente seria
7 a Pró-Reitoria. O conselheiro **Prof. Luiz Fernando Bittencourt (IC)** levantou a hipótese
8 de aprovarem o aluno, ele achar que vai receber a bolsa de doutorado, e terem que pedir
9 para ele esperar alguém decidir se receberia a bolsa ou não. A **Sra. Presidente** apontou
10 que aquela era outra coisa que não estava ali, e que todos estavam esgotados. Perguntou
11 se encerrariam a reunião. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)**
12 levantou um ponto para deixar para um momento futuro da discussão, pois no documento
13 enviado havia outras questões aparentemente urgentes, como, por exemplo, a evasão
14 que afetava a avaliação da pós-graduação. A **Sra. Presidente** respondeu que claramente
15 poderiam falar sobre aquilo, embora as pessoas talvez estivessem impactadas com o
16 acordo. Apontou que a evasão era muito constante e que não mudava ao longo do tempo,
17 mantendo-se sempre em 8~9% no total, embora fosse maior em alguns cursos. Comentou
18 que o complicado era o período de integralização estendido. A conselheira **Profa. Nashieli**
19 **Cecilia Rangel Loera (IFCH)** comentou que, para ela, dois fatores, que inclusive foram
20 colocados na avaliação interna do IFCH, chamavam a atenção: a evasão e o fluxo de
21 egressos. Relembrou que havia trazido uma proposta na CCPG de julho, que não teve
22 consenso, relacionada à matrícula automática na pós-graduação, e o tempo dos
23 credenciamentos, que também não teve consenso. Não sabia se era o momento, mas
24 esteve aguardando o retorno desde julho, uma vez que também devia aquele retorno à
25 CPG, que iria se reunir no mesmo dia. A **Sra. Presidente** perguntou se a profa. Nashieli
26 gostaria de representar a proposta. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera**
27 **(IFCH)** disse que queria conversar sobre aquilo pois eram dados da avaliação da pós-
28 graduação, que estavam relacionados também àquele fluxo de egressos. Gostaria de
29 saber e ouvir, também, pois não sabia se os outros programas tinham as mesmas
30 preocupações, mas, de qualquer forma, era um dado geral da pós-graduação, que foi
31 apresentado no documento. A **Sra. Presidente** sugeriu colocar como ponto de pauta de
32 discussão na próxima reunião a evasão e suas possíveis soluções. A conselheira **Profa.**
33 **Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** sugeriu que uma solução alternativa à questão do
34 credenciamento seria não deixar por tempo indeterminado, uma vez que os programas
35 viam vantagem em ter um tempo determinado, mas estender de 2 para 4 anos de
36 credenciamento, então seria uma contraproposta àquela anterior, que deixou pontos para
37 discussão. A **Sra. Presidente** lembrou que ninguém havia aceitado a proposta do tempo

1 indeterminado. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** assentiu que
2 não, mas que a nova opção seria estender o tempo, uma vez que aquela questão ficou de
3 ser discutida, embora não estivesse certa se o momento era apropriado ou se deveria ser
4 deixado para depois. A **Sra. Presidente** deixou a escolha na mão dos membros, pois
5 tinham tempo para a discussão. Perguntou à mesa se discutiriam aquele ponto ou não. O
6 conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)** levantou que gostaria de pegar
7 carona na questão do credenciamento, pois parecia que o sistema disparava mensagens
8 quando se aproximava o fim do credenciamento dos docentes permanentes do programa,
9 bem como para o coordenador do programa como para os alunos sob orientação do
10 respectivo docente. Relatou que pelo menos alguns alunos de seu programa receberam
11 aqueles e-mails, informando que o seu orientador estaria credenciado até o fim de agosto.
12 Questionou por que os alunos deveriam receber aqueles e-mails, uma vez que a
13 renovação dos permanentes acontecia de forma semi-automática. Levantou que aquilo os
14 deixaria assustados. Disse entender que o credenciamento era algo importante, mas que
15 concordava que deveria ser feito para todos os docentes permanentes do programa até
16 uma mesma data. Disse que, caso a coordenação ou a Comissão decidisse fazer de forma
17 automática para todos ou não renovar para algum colega, tudo bem, mas que, de qualquer
18 forma, deveria ser o mesmo prazo para todos para não criar constrangimentos ao aluno
19 que recebia aquele e-mail sem saber do que se tratava e ficava em dúvida quanto à
20 continuidade de sua orientação após o dia 01 de setembro. Reforçou que aquilo deveria
21 ser revisado. A **Sra. Presidente** perguntou ao Sr. Fernandy por que mandavam aquele
22 comunicado. O **Sr. Fernandy Ewerardy de Souza (DAC)** respondeu que, na verdade, o
23 comunicado era justamente para alertar que, caso não fosse renovado, o aluno deveria
24 procurar outro docente, pois não poderia ficar muito tempo sem orientação. Comentou, a
25 respeito daquilo, que havia alunos com mais de 1.200 dias sem orientação, e que a
26 coordenação era responsável por desligar e ele não poderia fazê-lo. A **Sra. Presidente**
27 concordou que era um aviso importante, uma vez que o aluno tinha seis meses para
28 buscar um orientador, segundo o Regimento. O conselheiro **Prof. Plamen Emilov**
29 **Kochloukov (IMECC)** levantou novamente a questão de se seria possível fazer com que
30 o credenciamento de todos os docentes permanentes do programa vencesse no mesmo
31 dia há cada dois anos, pois, naquele caso, a coordenação do programa teria
32 conhecimento da data e saberia que, no dia específico, teria que organizar o
33 credenciamento de todos os docentes. A **Sra. Presidente** afirmou que já era feito daquela
34 forma. O conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)** perguntou por que
35 então apenas três haviam recebido no programa onde ele estava. A **Sra. Presidente** disse
36 não saber, mas esclareceu que a proposta da profa. Nashieli era de que os permanentes
37 não precisassem fazer revisão, e que fossem credenciados permanentemente, a não ser

1 que a coordenação do programa se manifestasse contrária. O conselheiro **Prof. Plamen**
2 **Emilov Kochloukov (IMECC)** declarou estar de acordo com a proposta. A **Sra.**
3 **Presidente** disse que a proposta de deixar todo permanente permanentemente
4 credenciado poderia ser pensada. O **Sr. Fernandy Ewerardy de Souza (DAC)** lembrou
5 que deveria mudar o Regimento naquele caso. A **Sra. Presidente** disse que então trariam
6 a necessidade da mudança regimental do credenciamento como ponto de pauta. A **Profa.**
7 **Cláudia Vianna Maurer Morelli (Assessora PRPG)** relatou como contraponto que, na
8 experiência que a própria teve em sua unidade, os credenciamentos que ocorriam todos
9 na mesma época permitiram ao coordenador retirar docentes não produtivos, sem
10 orientandos e nem fluxo de alunos, sem o ônus da necessidade de chamar o colega na
11 sala para uma conversa, então era uma maneira de evitar aquele desconforto, até porque
12 os critérios de credenciamento já eram conhecidos. Sem o descredenciamento, voltaria
13 aquela necessidade de comunicar ao docente que ele não estava cumprindo com seu
14 papel para a pós-graduação. Reiterou que aquela mudança havia ajudado muito com a
15 questão das pessoas que não conseguiam cumprir os critérios. A conselheira **Profa.**
16 **Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** apontou que aquela tinha sido a mesma reação de
17 alguns outros colegas, e que por isso mesmo a proposta agora era uma intermediária.
18 Que não fossem dois anos, que não era tempo nem do mestrado, nem do doutorado, e
19 sim quatro anos, no tempo da bolsa e também do quadriênio A **Profa. Cláudia Vianna**
20 **Maurer Morelli (Assessora PRPG)** concordou que poderia casar com o quadriênio. A
21 **Sra. Presidente** disse que, de uma forma ou de outra, seria necessário mudar o
22 Regimento, e que seria melhor ter aquela proposta de uma forma mais organizada. Pediu
23 para que fosse enviado a ela em um e-mail, a fim de então planejar e levar para a reunião
24 seguinte. Perguntou se a outra questão era a mesma. A conselheira **Profa. Nashieli**
25 **Cecilia Rangel Loera (IFCH)** disse que não, mas que era sobre o mesmo tema. O
26 conselheiro **Prof. Claudio Chrysostomo Werneck (IB)** comentou que talvez fosse
27 interessante mandar o aviso para o coordenador do programa, porque assim o
28 coordenador poderia resolver o problema do credenciamento com antecedência e aquilo
29 não chegaria no aluno, deixando-o desesperado. Comentou que havia acontecido no IB
30 também e provocou um grande desespero. A **Sra. Presidente** concordou que era possível
31 retirar o pânico. O conselheiro **Prof. Plamen Emilov Kochloukov (IMECC)** afirmou que
32 os alunos não se importavam com nada. A **Sra. Presidente** adicionou que nem o aluno,
33 nem o orientador se importavam. Perguntou sobre o ponto seguinte. A conselheira **Profa.**
34 **Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** disse que era a respeito do fluxo de egressos e a
35 evasão, e que dois dados que apareceram bastante na avaliação institucional interna
36 realizada no IFCH, para o pessoal da área de humanas, era a questão da perspectiva de
37 futuro de quem, enfim, decidia largar o mestrado ou doutorado. Disse que, além de ser

1 uma questão relacionada à evasão, também trazia uma crítica à forma como foram
2 apresentados os dados da Unicamp nos gráficos que receberam, porque muitas vezes a
3 evasão não era definitiva, uma vez que alguns alunos pediam para ser desligados, mas
4 voltavam depois para defender, e ainda assim era contabilizado como evasão. A **Sra.**
5 **Presidente** confirmou se era a respeito do Artigo 15 e disse que não tinham como separar
6 aquilo no banco de dados, mas concordou que a Profa. Nashieli tinha razão e que era um
7 problema de análise. Com relação à evasão, chamou atenção para a questão de que, em
8 determinado segmento do documento, os dados do Plano Nacional indicavam que, no
9 país, a média de evasão em uma observação de quatro anos era de 12% para o mestrado
10 e 11% para o doutorado, mas que, nas Engenharias, a taxa era de 26% para o mestrado
11 e 21% para o doutorado. No caso da Unicamp, considerando que as Engenharias estavam
12 juntas (pois foi contabilizado por área da CAPES), em dez anos, relatou que iniciava 2011
13 com 22,8% de evasão no mestrado, aumentava nos anos seguintes, diminuía apenas em
14 2021 – que era o ano das integralizações – mas voltava a aumentar para 19,9% em 2022.
15 Relatou que a mesma coisa aconteceu para o doutorado nacionalmente. No caso da
16 Unicamp, começou com 11,35% de evasão, chegou em 2022 com 12,3%, sendo menor
17 unicamente no ano de 2021, por conta da integralização aumentada. Afirmou que a
18 questão nas engenharias era um problema, e que não tinham aquele dado um a um por
19 programa, mas que estava acompanhando a crise do país, pois era praticamente o mesmo
20 indicador. No país era 20 e tantos por cento e na Unicamp, 19%. Comentou que as outras
21 áreas seguiam um pouco o curso ao longo do tempo, mas chamou atenção às Ciências
22 Biológicas, na qual a evasão também era muito grande. Disse que achava ter acontecido
23 algo em 2022, pois, de 2011 até 2019, saíram de 4%, até 8, para 10%, caindo para 5%
24 em 2021, mas, ao chegar 2022, subiu para 34%. Afirmou que conferiram os dados e que
25 alguma coisa tinha acontecido em 2022, mas não sabiam o quê. Disse aquilo em relação
26 ao mestrado, mas apontou que, no doutorado, a sequência era a mesma, em que chegava
27 a 29% de evasão em 2022. Apontou que aquilo não era tão forte nas outras áreas, em
28 que ficava tudo a menos de 10%, entre 6 e 8%, nada anormal, pois sempre houve
29 evasões. Mencionou que o caso das Engenharias era que chamava atenção pela alta
30 tendência de evasão no mestrado. Apontou que alguém poderia argumentar na direção
31 de que aquele novo programa e processo formativo poderia ajudar a melhorar os dados,
32 mas que aquilo era uma tendência dos últimos dez anos, tanto para o mestrado quanto
33 para o doutorado, embora o caso das Ciências Biológicas pudesse ser algo específico de
34 2022, pois destoava demais. Disse serem aqueles os pontos que julgava valer a pena
35 destacar do documento, grandes outliers, coisas que escapavam muito do cenário de dez
36 anos atrás. Afirmou valer a pena observar internamente para decidir o que seria
37 necessário fazer. Perguntou-se por que o curso não estaria respondendo e por que 20%

1 dos alunos iam embora do mestrado nas Engenharias, seria possível que tivessem ido
2 para um trabalho, empresa, indústria, abandonando a dissertação. No caso, seria
3 necessário seguir o egresso. A conselheira **Profa. Melissa Gurgel Adeodato Vieira**
4 **(FEQ)** relatou que, no ano anterior, no Congresso de Ensino em Engenharia Química,
5 realizado simultaneamente ao Congresso Brasileiro de Engenharia Química, havia sido
6 apresentada em um dos painéis uma análise sobre aquela evasão – especificamente para
7 a Engenharia Química, mas que julgou refletir casos das demais Engenharias –, que
8 revelou não ser apenas na Unicamp, mas no Brasil todo, e não só na pós-graduação como
9 também na graduação. Concluiu que havia um certo desinteresse generalizado com as
10 Engenharias, e comentou que tinham verificado tal queda de interesse já no próprio
11 vestibular. Comentou também que, no caso da FEQ, não havia evasão significativa na
12 graduação, mas que aquilo havia sido apresentado, tanto em nível de graduação quanto
13 de pós-graduação. A **Sra. Presidente** afirmou não saber dizer com precisão específica da
14 área da Engenharia Química, mas que aquele número realmente se destacava dentre as
15 engenharias da Unicamp e do país, e que valeria a pena as demais engenharias elaborar
16 também a mesma avaliação. O conselheiro **Sr. Marcelo Felipe Silvia Estácio de**
17 **Santana (Representante Discente FEA)** apontou que, até onde sabia, o profissional da
18 engenharia estava bastante desvalorizado no país, e que atualmente desejava-se
19 contratar bastantes analistas, mais do que engenheiros, então aquilo seria um reflexo
20 daquela questão. A **Sra. Presidente** chamou atenção a uma questão do documento
21 relacionada aos dados de inscritos e ingressantes, que também diminuía
22 tendenciosamente ao longo do tempo e de forma generalizada, entretanto, em algumas
23 áreas a tendência era melhorar bastante, observando, por exemplo, nas Humanas, a área
24 de linguística, na qual o documento revelou um aumento de interesse muito grande de
25 acordo com os últimos dez anos. Enquanto em outras áreas, havia uma diminuição geral
26 muito grande. Comentou que aquela questão bem no final do documento, em desafios de
27 estratégia, havia levantado questionamentos que poderiam talvez estimular discussões
28 internas aos programas a respeito do que poderia influenciar aquela tendência de baixa
29 taxa de inscritos e ingressantes. Apontou que havia algumas áreas, inclusive das
30 biológicas, em que a proporção era de quase um para um. Lembrou que estava se
31 referindo às pós-graduações, então também tinha programas nos quais apenas um aluno
32 ingressava. Concluiu que estava exagerando ao mencionar a proporção de um para um,
33 e que era, na verdade, 1,5 ou mais, e que todos aqueles números se tratava de médias.
34 No entanto, havia programas, de qualquer forma, em que se identificava uma diminuição
35 significativa ao longo dos dez anos anteriores, bem como um aumento expressivo, como
36 nos casos de Linguística, Letras e Artes. Questionou-se o que aqueles dados poderiam
37 significar, se por ventura era algo decorrente apenas de um baixo valor das bolsas –

1 embora tivessem aumentado – frente às oportunidades de mercado; ou se seria uma
2 inadequação dos currículos, o que culminaria na discussão do novo processo formativo
3 proposto. Questionou também se caso a inadequação dos currículos frente às demandas
4 sociais levaria à perda da significância da qualificação no nível de pós-graduação, e se as
5 pessoas não mais desejariam ser mestres ou doutores para algumas atividades, por já
6 contar com uma enorme inserção em indústria sem precisar ser mestre ou doutor. Apontou
7 que aquilo não era algo que se aplicava no caso do caminho acadêmico, mas que havia
8 muito mais opções no mundo do que apenas a academia, e parecia ser algo que vinha
9 atraindo mais os desejos dos possíveis potenciais pós-graduandos. Reforçou novamente
10 que a questão da adequação dos currículos e da perda do interesse eram pontos
11 importantes para se discutir internamente, dada a tendência apresentada nos dados dos
12 dez anos anteriores da Unicamp, que revelavam tal queda notória na taxa de inscritos e
13 de ingressantes. Disse que sempre falavam para acompanhar o país, e naquele caso o
14 país estava perdendo interesse e demonstrando a perda de interesse dos potenciais
15 ingressantes na pós-graduação, sendo muito grande para determinadas áreas. Concluiu
16 que aquela circunstância merecia uma discussão. O conselheiro **Prof. Claudio**
17 **Chrysostomo Werneck (IB)** comentou sobre uma colega do Instituto de Biologia que
18 fazia trabalho de divulgação científica que havia citado uma pesquisa que perguntava a
19 jovens adolescentes o que eles gostariam, a que 70% responderam que gostariam de ser
20 influencers. O **Prof. Elias Basile Tambourgi (Assessor PRPG)** disse, levando em
21 consideração o que o Sr. Marcelo havia dito, que o salário-mínimo profissional de um
22 engenheiro era equivalente a seis salários-mínimos, enquanto as empresas contratavam
23 engenheiros como analistas pagando 1.400 reais à Pessoa Jurídica. A **Sra. Presidente**
24 indagou se aquilo concorreria com a pós-graduação. A conselheira **Profa. Cristiane**
25 **Machado (FE)** deu bom dia a todos. Falou, com relação ao número de inscritos, que a
26 Faculdade de Educação chegou a ter mais ou menos 1.200 inscritos em seu processo
27 seletivo, depois o número caiu para 700, ficou uns dois ou três anos em 500 e, no ano
28 anterior, a média foi de 500. E então, pela primeira vez, naquele ano, abriram a
29 possibilidade de participar do processo seletivo alunos que ainda não concluíram a
30 graduação ou mestrado, mas que iriam concluir até o final do semestre, aumentando,
31 assim, o número de inscritos para 880. Disse que iriam levantar dados e analisar se foi a
32 abertura de tal possibilidade que havia implicado naquele aumento, e que inclusive iriam
33 acompanhar aqueles inscritos e inscritas. Levantou se não era o caso de a PRPG planejar
34 uma proposta de um projeto de acompanhamento de trajetória discente e de egressos
35 para todas as pós-graduações. Disse que tentaram fazer aquilo na Faculdade de
36 Educação, mas tiveram muita dificuldade em lidar, pois os profissionais que tinham já
37 estavam envolvidos em outras tarefas. Comentou que até mesmo tinham criado projeto e

1 contratado bolsistas BAS, mas que ainda era algo muito limitado. Apontou que o
2 acompanhamento de egressos, em especial, era uma exigência muito significativa da
3 CAPES, então talvez fosse importante, para todos os programas, pensar numa proposta
4 que pudesse, pelo menos a curto ou médio prazo, acompanhar os egressos. E propor
5 uma pesquisa com os ingressantes e discentes em geral, a fim de auxiliar o debate e o
6 aperfeiçoamento da pós-graduação, uma vez que tais informações poderiam fornecer
7 mais clareza ao debate e iluminar na hora de fazer escolhas e análises. Disse que achava
8 interessante pensar em algo mais profissional, algo que não tinham condições de fazer na
9 Faculdade de Educação, por isso que talvez a Pró-Reitoria de Pós-Graduação pudesse
10 ajudar, incluindo todas as pós-graduações que tivessem interesse. A **Sra. Presidente**
11 respondeu que achava muito difícil centralizar aquilo na Pró-Reitoria, uma vez que eram
12 profissões e áreas muito distintas. Disse que, se os programas já tinham dificuldade em
13 buscar seus colegas egressos, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação teria ainda mais
14 dificuldade naquilo, considerando tamanha distinção. Comentou que não sabia se a FCM
15 tinha sido capaz de fazê-lo em algum momento do passado. A **Profa. Dra. Cláudia Vianna**
16 **Maurer Morelli (Assessora PRPG)** informou que haviam contratado um bolsista
17 justamente para criar um formulário para realizar aquele mapeamento, que era enviado
18 anualmente, mas ainda tinha um retorno muito baixo. A **Sra. Presidente** disse que não
19 era possível conseguir outro tipo de retorno, pois não era viável perseguir os regressos. A
20 **Profa. Cláudia Vianna Maurer Morelli (Assessora PRPG)** disse que funcionaria manter
21 contato com eles por meio de atividades acadêmicas dentro da universidade, convidando-
22 os a participar, pois era algo que também ajudava naquela questão. A conselheira **Profa.**
23 **Cristiane Machado (FE)** disse que, se começassem logo enquanto ingressantes, seria
24 muito mais fácil manter contato quando fossem egressos. Por aquele motivo que havia
25 mencionado as trajetórias discentes. A **Profa. Cláudia Vianna Maurer Morelli**
26 **(Assessora PRPG)** disse que se não responderem então não adiantava nada. Afirmou
27 que era uma mudança de comportamento ou divisão, e que eles também deveriam
28 entender a importância de preencherem rapidamente um Google Forms, por exemplo, e
29 o quanto aquilo teria um impacto no curso que ele já concluiu. Afinal, se o curso subisse
30 de nota, também seria vantajoso para o currículo dele. Afirmou que, no entanto, aquilo era
31 mais relacionado a uma mudança de visão do indivíduo, que às vezes realmente não era
32 possível, e que o limite era ir atrás pelo LinkedIn, Lattes etc. Entretanto, era uma atividade
33 onerosa, então seria mesmo necessário que eles participassem. Teria de ser uma
34 mudança de paradigma e da visão do aluno. A **Sra. Presidente** disse que o sr. Elias havia
35 lembrado que, eventualmente, os Conselhos profissionais pudessem ser um canal para
36 realizar aquela busca, embora, de toda maneira, teria de ser uma busca ativa feita por
37 alguém, e não teria outro jeito. Disse que a PRPG provavelmente não poderia ajudar

1 naquela questão. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** comentou
2 que, no IFCH, o professor Ronaldo, presente na sessão, havia montado uma equipe muito
3 boa de pesquisa, e estavam conseguindo mapear vinte anos de egressos. Disse que era
4 um trabalho de garimpo, formulário etc. que também era realizado pelo funcionário sr.
5 Reginaldo. O **Prof. Ronaldo de Almeida (IFCH)** apontou que além da garimpagem havia
6 a dificuldade das instituições profissionais, por exemplo, e que o maior problema era
7 aqueles alunos que estavam dispersos, daí a necessidade da garimpagem. Disse que o
8 pressuposto era que aquilo seguisse daquela forma, e estava seguindo, tinha tido sucesso
9 no processo e ia melhorando a cada ano o banco de dados histórico. A **Sra. Presidente**
10 comentou que não era possível saber na totalidade, até porque alguns escapavam para
11 fazer outra coisa. A conselheira **Profa. Nashieli Cecilia Rangel Loera (IFCH)** disse que
12 dependia da resposta. Opinou que a Unicamp poderia, sim, ajudar tecnologicamente,
13 talvez disparando mensagens que relembrassem os egressos de darem notícia para os
14 seus programas, algo do tipo, para aqueles com que não conseguiam contato. Comentou
15 de uma universidade de fora, na qual esteve presente para algum congresso – não
16 lembrava exatamente qual –, em que faziam aquele trabalho. Existia um certo
17 compromisso de dar um retorno. A **Sra. Presidente** mencionou que era algo realmente
18 muito cultural. Citou a Biologia, que fazia encontros anuais com seus ex-alunos. Não sabia
19 quanto sucesso aquilo tinha em termos numéricos, mas que, de qualquer forma, era
20 cultural, e era uma cultura benéfica que, infelizmente, não tinham desenvolvido – sequer
21 tinham algo como aquelas instituições de doação dos ex-alunos. Concluiu que, daquela
22 discussão final, que deveriam trazer para a pauta da próxima reunião a avaliação de uma
23 mudança no credenciamento dos docentes. Disse achar que a questão da avaliação dos
24 programas perpassava um pouco as questões indicadas no final do documento, e que a
25 ideia era estimular exatamente aquelas discussões, tendo em mente aqueles horizontes
26 novidades que ficaria de trazer posteriormente ao conselho. Relembrou que a avaliação
27 que se desejava estimular ali dentro não tinha nenhuma relação com aquele programa
28 que apareceu no meio do caminho, mas que, enfim, era algo que estava acontecendo no
29 presente. A **Sra. Presidente**, não havendo mais nenhuma manifestação, nenhum
30 comunicado ou aviso sobre as unidades agradeceu a presença de todos, lembrando da
31 importância de um novo encontro na reunião futura, declarou assim por encerrada a
32 Reunião.

NOTA: A presente Ata foi aprovada
na **420ª Reunião Ordinária da**
CCPG, realizada em 09 de outubro
de 2024.